



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO
LOCAL - (POSMEEX)**

**DO CAMPO PARA O MUNDO: AS APRENDIZAGENS DOS JOVENS DE ÁREAS
RURAS DA UFRPE A PARTIR DO PROGRAMA *CIÊNCIAS SEM FRONTEIRAS***

**RECIFE - PE
2019**

JOSE HENRIQUE CAVALCANTI MOTA FILHO

**DO CAMPO PARA O MUNDO: AS APRENDIZAGENS DOS JOVENS DE ÁREAS
RURAS DA UFRPE A PARTIR DO PROGRAMA *CIÊNCIAS SEM FRONTEIRAS***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX, da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local.

Orientador/a: Prof.^a Dra. Maria Aparecida Tenório Salvador da Costa

**RECIFE - PE
2019**

JOSE HENRIQUE CAVALCANTI MOTA FILHO

DO CAMPO PARA O MUNDO: AS APRENDIZAGENS DOS JOVENS DE ÁREAS RURAIS DA UFRPE A PARTIR DO PROGRAMA *CIÊNCIAS SEM FRONTEIRAS*

LINHA DE PESQUISA: Extensão Rural para o Desenvolvimento Local

DATA DA APROVAÇÃO: 18 de junho de 2019

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dra. Maria Aparecida Tenório Salvador da Costa Orientador/a
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local –
POSMEX - Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Prof.^a Dra. Maria do Rosário de Fátima de A. Leitão - Examinadora Interna
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local –
POSMEX - Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Examinador Externo: Prof. Dr. Erinaldo Ferreira do Carmo
Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Políticas Públicas –
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

M917c Mota Filho, José Henrique Cavalcanti.
Do campo para o mundo: as aprendizagens dos jovens de áreas rurais da UFRPE a partir do Programa Ciências sem Fronteiras / José Henrique Cavalcanti Mota Filho. – Recife, 2019.
100 f.: il.

Orientador(a): Maria Aparecida Tenório Salvador da Costa.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, Recife, BR-PE, 2019.
Inclui referências, anexo(s) e apêndice(s).

1. Juventude rural 2. Políticas em educação 3. Mobilidade acadêmica 4. Desenvolvimento local 5. Discurso I. Costa, Maria Aparecida Tenório Salvador da, orient. II. Título

CDD 303.44

Dedicatória

A todos os jovens que cruzaram fronteiras e tornaram o, até então, impossível em possível.

Agradecimentos

A **Deus e aos irmãos de luz** que sempre me guiaram, me iluminaram e abençoaram em toda esta trajetória;

À minha esposa (e amor da minha vida), **Raquel Mota**, que sempre esteve ao meu lado, na saúde, na doença, na euforia, na tristeza, na alegria, sem me deixar abalar por nada;

Ao meu filho, **Pedro Henrique**, a maior benção e a maior riqueza da minha vida;

À minha mãe, **Vandete Laranjeiras**, um anjo que Deus colocou na minha vida e sempre foi uma grande estimuladora dos meus estudos;

Ao meu pai, **José Henrique**, o maior exemplo do poder transformador da educação que eu poderia ter na vida;

À minha sogra, **Conceição Andrade**, uma leoa do Norte que ganhou o Nordeste;

Aos meus avós **Luiz Gonzaga** [*in memorian*] e **Vandete Pereira** [*in memorian*], meus amores eternos;

A **Fábio Portela, Bruno Pinto e Leonardo Laranjeiras**, os irmãos que vida e o coração me deram;

À minha irmã, **Renata Laranjeiras**, doutora, lutadora e sempre disposta a um bom papo acadêmico;

À minha orientadora, **Aparecida Tenório**, que me transformou em um apaixonado por docência e manteve minhas ideias (malucas) na linha;

À **Irenilda Lima**, que me provocou, ainda em 2015, a entrar no POSMEX;

À **Bruno Andrade, Renata Carneiro Leão e Marco Santos** por apenas descansarem após minha seleção no mestrado;

À **Fernando Azevedo e Ráian Andrade** por todo companheirismo, amizade e ajuda;

Aos amigos do **POSMEX**, que tanto me ensinaram sobre o campo e sobre a vida;

Epígrafe

*Eagle, fly free
Let people see
Just make it your own way
Leave time behind
Follow the sign
Together, we'll fly someday*

Helloween, Keeper of the Seven Keys Part II; 1986

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise da trajetória de jovens rurais que estudaram na Universidade Federal Rural de Pernambuco e que participaram do programa Ciências sem Fronteiras, política pública que possibilitou a estes estudantes uma experiência acadêmica no exterior. Desde o programa de expansão e interiorização das universidades públicas, estes jovens oriundos de contextos rurais passaram a ter mais acesso ao ensino superior e a outras políticas públicas de permanência nesta modalidade de ensino. Depois das políticas que permitiram o acesso, vieram as políticas de qualificar o ensino e, dentre elas o Programa Ciências sem Fronteiras, a partir da ideia de internacionalização da educação brasileira. A formação do conhecimento é um campo contínuo e que, em dado momento, retorna benefícios e dentro desta ideia buscam-se ações de desenvolvimento local em prol da comunidade da qual estes jovens são oriundos. Neste contexto, a UFRPE surge como espaço de agregação de conhecimento e de oportunidade de uma educação de qualidade e durante sua plena vigência entre os anos de 2011 e 2015 levou estudantes a todos os continentes do planeta, nas mais diversas experiências acadêmicas, pessoais e culturais. Para compreender este fenômeno social foi elaborada uma metodologia de apreensão de dados com base na análise documental e em entrevistas semiestruturadas. Como metodologia de exame dos dados coletados foi utilizada a Análise de Discurso, alicerçada nos estudos de Michel Peucheux (1997), Eni Orlandi (2009) e Michel Foucault (2005). O campo teórico integra os estudos sobre a juventude rural, à luz das pesquisas desenvolvidas por Elisa Guaraná Castro (2005), Maria José Carneiro (2007) e Pierre Bourdieu (1995), relacionando estas teorias aos estudos sobre políticas públicas em educação desenvolvidos por Stephen Ball (2002) e Desenvolvimento Local por Paulo de Jesus (2003), Franco (1998) por analisar as atividades coletivas e a influência exercida nas comunidades rurais. Buscou-se ligar o campo conceitual ao universo no qual os estudantes estão inseridos, evidenciando suas raízes, o que estudam tanto no Brasil quanto no exterior e como tudo isso influencia sua formação acadêmica. Desse modo, o estudo buscou compreender as aprendizagens que foram determinantes para estes jovens rurais que tiveram a coragem de enfrentar uma experiência longe de casa. Dentre os achados, foram percebidos ganhos acadêmicos pela formação em duas instituições de ensino superior, ganhos pessoais e os primeiros passos de ações de Desenvolvimento Local.

Palavras-Chaves: Juventude Rural. Políticas Públicas em Educação. Mobilidade Acadêmica. Desenvolvimento Local. Discurso.

ABSTRACT

This work presents an analysis of the trajectory of rural youths who studied at the Federal Rural University of Pernambuco and who participated in the Sciences Without Borders program, public policy that enabled these students to have an academic experience abroad. Since the program of expansion and internalization of the public universities, these young people from rural contexts have come to have more access to higher education and other public policies of permanence in this modality of education. After the policies that allowed access, came the policies to qualify teaching and, among them, Sciences without Borders, based on the idea of internationalization of Brazilian education. The formation of knowledge is a continuous field and, at a given moment, returns benefits and within this idea seek local development actions in favor of the community from which these young people are born. In this context, UFRPE emerges as a space for aggregating knowledge and opportunity for quality education and during its full term between 2011 and 2015 has led students to all continents of the planet in the most diverse academic, personal and cultural experiences. In order to understand this social phenomenon, a data apprehension methodology was elaborated based on documental analysis and semi-structured interviews. As a methodology for examining the collected data, Discourse Analysis was used, based on studies by Michel Peuceux (1997), Eni Orlandi (2009) and Michel Foucault (2005). The theoretical field integrates the studies on rural youth, in the light of the researches developed by Elisa Guaraná Castro (2005), Maria José Carneiro (2007) and Pierre Bourdieu (1995), relating these theories to the studies on public policies in education developed by Stephen Ball (2002) and Local Development by Paulo de Jesus (2003), Franco (1998) for analysing collective activities and influence in rural communities. We sought to connect the conceptual field to the universe in which the students are inserted, showing their roots, what they study both in Brazil and abroad and how all this influences their academic formation. Thus, the study sought to understand the learning that was decisive for these rural young people who had the courage to face an experience away from home. Among the findings, academic gains were realized through training in two higher education institutions, personal gains and the first steps of Local Development actions.

Key-words: Rural Youth. Public Policies in Education. Academic Mobility. Local Development. Speech.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Crescimento do número de vagas e matrículas na graduação Presencial nas Universidades Federais	P.22
Gráfico 2: Expansão das universidades federais e campus	P.23
Gráfico 3: Bolsas implementadas pelo CSF em Pernambuco	P.54
Gráfico 4: Cursos dos jovens do CSF	P.58
Gráfico 5: nível de escolaridade dos jovens do CSF	P.61

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Identificação dos jovens rurais no CSF na UFRPE	P.55
Figura 2: Participantes do CSF por campus	P.57
Figura 3: Aprendizagens acadêmicas	P. 62
Figura 4: Experiências acadêmicas / Estrutura	P. 65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas
ACI - Assessoria de Cooperação Internacional
AD - Análise de Discurso
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CF - Constituição Federal
CSF - Ciências sem Fronteiras
CNJ – Conselho Nacional da Juventude
CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CODAI - Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas
DMES – Declaração Mundial do Ensino Superior
DRCA - Diretoria de Registro e Controle Acadêmico
DL - Desenvolvimento Local
EJ - Estatuto da Juventude
ENADE - Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio
EUA – Estados Unidos da América
IES – Instituições de Ensino Superior
IFES - Instituições Federais de Ensino Superior
IIE – Instituto de Educação Internacional
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Anísio Teixeira
IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC - Ministério da Educação
PBA - Programa Brasil Alfabetizado
PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação
PNE – Plano Nacional de Educação
PROUNI - Programa Universidade para Todos
REUNI - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
UACSA - Unidade Acadêmica do Cabo de Santo Agostinho
UAG - Unidade Acadêmica de Garanhuns
UAST - Unidade Acadêmica de Serra Talhada
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

RESUMO	
ABSTRACT	
LISTA DE GRÁFICOS	
LISTA DE FIGURAS	
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – A UNIVERSALIZAÇÃO E A INTERNACIONALIZAÇÃO DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL:	
1. A expansão e a universalização do Ensino Superior	21
2. A Internacionalização do ensino superior	25
CAPÍTULO II - AS POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO SUPERIOR PARA OS JOVENS DO MEIO RURAL E O DESENVOLVIMENTO LOCAL:	
1. Políticas Públicas em Educação Superior	30
1.1 O Programa Ciências sem Fronteiras	35
2. Juventude Rural e Ensino Superior	38
3. Desenvolvimento Local: uma sequência do processo	40
CAPÍTULO III - MEIOS PARA UM FIM: PERCURSO METODOLÓGICO	
1. O universo pesquisado	45
2. Sujeitos pesquisados	45
3. Meios e instrumentos de coleta de informações	46
4. Metodologia de análise: Análise de discurso	49
CAPÍTULO IV: UNINDO PRÁTICA E TEORIA: ANÁLISE DE RESULTADOS	
1. Perfil dos jovens participantes do Programa Ciências sem Fronteiras	54
2. O Discurso dos jovens - Aprendizagens	62
3. O Discurso dos jovens - Experiência pessoal	70
4. O Discurso dos jovens – o momento seguinte e o Desenvolvimento Local	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICES	
APÊNDICE A – Artigo	91
APÊNDICE B- Identificação dos sujeitos pesquisados e roteiro de entrevista com os discentes oriundos do meio rural que participaram do CSF	99
ANEXOS	
ANEXO 1- Termo de Consentimento Livre Esclarecido	100

INTRODUÇÃO

A Constituição Federal de 1988 (CF-1988), em seu artigo 205, afirma ser a educação “direito de todos e dever do Estado e da família, promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa” (BRASIL, 1988). Corroborando com a CF (1988), no que se refere ao acesso pleno às políticas educacionais, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, n.º 9394/1996), em seu artigo 4º e incisos, trata do direito à educação e afirma que o dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de acesso aos níveis mais elevados do ensino e da pesquisa (BRASIL, 1996).

Para que haja um controle sobre a qualidade na educação foi criado o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), que avalia o rendimento dos concluintes dos cursos de graduação, em relação aos conteúdos programáticos, habilidades e competências adquiridas em sua formação (INEP, 2017). Dentro desse princípio, o Plano Nacional de Educação (PNE) 2014/2024, sancionado sem vetos, na Lei 13.005/2013 (BRASIL, 2014), prevê, entre suas diretrizes, a melhoria na qualidade da educação, a partir de níveis mais elevados de ensino e educação complementar.

Apesar das garantias teóricas e legais, o acesso a esse direito propriamente dito, ainda não é pleno. O número de universidades, o processo de ingresso, a realidade precária de muitas regiões do Brasil dificulta o acesso. Molina e Freitas (2011) destacam que a escassa oferta educacional de qualidade é uma barreira para jovens rurais. Todavia, políticas de expansão de oferta e de interiorização da educação superior surgiram, a partir de 2003, com a finalidade de diminuir as desigualdades no acesso ao ensino superior.

Após as expansões universitárias, que ampliaram o acesso à educação superior, uma considerável parcela de jovens de contextos rurais, outrora excluídos, teve a oportunidade de ingressar nas Instituições Federais de Ensino Superior. Em 2005, o Ensino Superior Público no Brasil dispunha de 109.184 vagas e após o Programa de Expansão passou a oferecer 231.530, um aumento de 111% (MEC, 2012). Neste contexto, foi instituído, em 2007, o Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

(Reuni) como uma forma de ampliar o acesso e a permanência na educação superior.

Com o Reuni, o governo federal adotou uma série de medidas para retomar o crescimento do ensino superior público, criando condições para que as universidades federais promovam a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de educação superior. Os efeitos da iniciativa podem ser percebidos pelos expressivos números da expansão, iniciada em 2003 e com previsão de conclusão até 2012 (BRASIL, 2013).

Um dos exemplos dessa realidade é a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), cujos primeiros cursos foram fundados em 1912, tendo como campus principal a sede no município do Recife. A UFRPE possui, segundo levantamento desta pesquisa em 2019, uma comunidade universitária de mais de 20 mil pessoas, entre discentes, docentes e técnicos-administrativos. Abrange 54 cursos de graduação, no campus do Recife e nas Unidades Acadêmicas dos municípios de Garanhuns (UAG), Serra Talhada (UAST) e Cabo de Santo Agostinho (UACSA), além de Educação à Distância. Na pós-graduação, são 48 cursos de mestrado e doutorado (UFRPE, 2019), além do Colégio Dom Agostinho Ikas (CODAI), voltado para a educação profissional e o ensino médio.

Neste contexto, a UFRPE recebeu o primeiro campus do programa de expansão e interiorização das IFES, a Unidade Acadêmica de Garanhuns, no agreste do estado de Pernambuco, no ano de 2005; seguida da Unidade Acadêmica de Serra Talhada, em 2006 localizada na região do sertão pernambucano. Estas Unidades representaram o atendimento de uma demanda reprimida por um histórico passivo das universidades brasileiras, pois as mesmas, no início do século XX, eram criadas, basicamente para as oligarquias agrárias mantendo-se fechadas e aristocráticas (BRITO e CUNHA, 2009).

Na década de 1930, mais de 60% das universidades eram privadas e as instituições de ensino superior aumentaram gradativamente até os anos 60, quando já existiam mais de 200 mil universitários. Na década de 1980, já com mais de 1 milhão, houve uma retração na demanda devido à forte evasão dos estudantes ainda no segundo grau e o Brasil começou a década de 1990 apenas como o 17º país em número de estudantes matriculados, entre 20 e 24 anos, no

ensino superior, apenas à frente da Nicarágua e Honduras. A mudança neste cenário é plantada com o Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado, em 1995 e tem o seu auge com a política de expansão das universidades públicas federais no primeiro governo do Presidente Lula, em 2003.

Em 2015, o percentual de matriculados entre 20 e 29 anos já era de 54,8%. A juventude rural é uma parcela significativa desse crescimento, representando cerca de 5% destes matriculados (INEP 2015), devido à expansão das universidades para cidades localizadas no interior do estado. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2015), esse aumento de vagas no Ensino Superior Público possibilitou o acesso de mais pessoas das camadas mais pobres da sociedade, visto que eram 1,4% dos estudantes universitários em 2004 e passaram a ser 7,2% em 2014.

Os jovens de origem rural não só passaram a cursar a universidade, bem como tiveram acesso a programas de educação complementar como o Ciência Sem Fronteiras (CSF), com a finalidade de vivenciarem experiências em outros países a partir do intercâmbio de conhecimentos e relações com outras realidades. Entre 2011 e 2015 o crescimento, no Estado de Pernambuco, na concessão das bolsas para o CSF foi de 3.421%, saindo de 108 (cento e oito) no terceiro trimestre de 2011 para 3168 (três mil, cento e sessenta e oito) no quarto trimestre de 2015 (MEC, 2016).

O Programa Ciências Sem Fronteiras (CSF) surgiu como iniciativa dos ministérios da Educação e da Ciência, Tecnologia e Inovação, realizado através do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Por meio desse programa, foram fornecidas, especialmente entre os anos de 2011 e 2015, mais de 100 mil bolsas de intercâmbio a estudantes brasileiros de graduação e pós-graduação com bom desempenho acadêmico em instituições de educação superior do exterior (CAPES, 2016).

Após a interiorização, a internacionalização foi o passo para ampliar a qualificação da educação no Brasil. O MEC tem, dentre suas diretrizes para o ensino superior público, que os programas de apoio à mobilidade e internacionalização das IFES devem integrar o processo de expansão das universidades. Esta vinculação feita pelo órgão de maior autoridade em

educação no país mostra que há uma relação entre a expansão e a internacionalização.

A aproximação do pesquisador com o tema se deu pelo trabalho profissional como jornalista desenvolvido na UFRPE, a partir de diversas pautas, mas principalmente com o programa UFRPE no Mundo, projeto de vídeos com estudantes que participaram de programas de mobilidade, tanto os do exterior que vieram para a Instituição pernambucana, quanto os dela que foram ao exterior.

Mesmo com a diferença das histórias e das experiências, sempre houve o questionamento para os estudantes sobre a razão pela qual fazer um programa de mobilidade e o que foi que dentro das atividades curriculares foi diferente e enriquecedor para a formação deles. Não obstante, as narrativas evidenciavam que a experiência ia além das meras atividades escolares e isto aumentou o interesse pelo tema, pois cada experiência tinha elementos únicos.

Entende-se que o Brasil é um país de dimensões continentais e que houve durante muitos anos uma concentração de universidades nas capitais e em pontuais cidades do interior. A expansão universitária e outras políticas educacionais proporcionaram o acesso ao ensino superior a um número muito grande de estudantes que não teriam a oportunidade caso as IFES não estivessem mais próximas de suas moradias. Sabe-se também que os investimentos em educação podem não ter retorno imediato, visto que os seus efeitos são percebidos ao longo do tempo.

Este trabalho justifica-se por analisar uma significativa política pública educacional, que mesmo importante vem sendo mitigada pelo Ministério da Educação desde 2016. Esta mitigação reforça a importância da pesquisa, pois nela se analisa como a qualificação e a inclusão de uma educação de qualidade são importantes para ações de futuro e de desenvolvimento para o país. Além disso, buscar-se-á por ações posteriores a ida destes jovens ao exterior, no seu retorno a seu local de origem. Procurar-se-á por ações ou projetos que envolvam desenvolvimento local, tendo em vista a continuação do ciclo político-educacional.

A partir dessa realidade, ainda recente, faz-se pertinente questionar: Quem são esses jovens rurais que agora têm acesso ao ensino superior público? Como eles têm acesso às políticas públicas? Como eles, que muitas vezes não

conhecem além da circunscrição do seu município encaram a possibilidade de estudar no exterior? Quais os impactos que as experiências do intercâmbio provocam na vida desses jovens brasileiros?

Diante desses questionamentos foi elaborado o seguinte problema de pesquisa: Quais são as apropriações que os estudantes de contextos rurais fizeram das experiências de intercâmbio, por meio do Programa Ciências sem Fronteiras?

A fim de responder ao problema acima, a pesquisa apresentou como objetivos:

- 1- **Objetivo Geral:** analisar as aprendizagens que os estudantes de graduação da UFRPE, de contextos rurais, construíram ao participarem do Programa Ciências Sem Fronteiras, no período de 2011 a 2015.
- 2- **Objetivos específicos:**
 - 2.1- Descrever o perfil dos jovens rurais que participaram do Programa Ciências Sem Fronteiras.
 - 2.2- Compreender a forma de participação e a influência do intercâmbio acadêmico na formação dos/as graduandos;
 - 2.3- Relacionar os resultados possibilitados pela formação em duas IES, pelos estudantes que participaram do Programa Ciências sem Fronteiras;
 - 2.4- Descrever como os usos dos conhecimentos a partir da experiência no Ciências sem Fronteiras são utilizados em prol do desenvolvimento local.

A investigação mostrou-se relevante para o campo da pesquisa qualitativa, porque possibilitou compreender os discursos e as trajetórias individuais dos estudantes participantes de um programa de mobilidade, que foram analisados levando em consideração os sujeitos, as experiências e o contexto onde estão inseridos e que influenciaram no seu processo de formação acadêmica.

A pesquisa também contribui com a comunidade acadêmica porque busca trazer novos dados sobre a trajetória dos programas de mobilidade, sua

influência na graduação, seu alcance, ao mesmo tempo em que amplia os estudos e o tipo de formação dos estudantes, além de trazer alguns dados que serão somados aos que a UFRPE já possui.

CAPÍTULO I – A UNIVERSALIZAÇÃO E A INTERNACIONALIZAÇÃO DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

A educação superior pode não ser a opção de todos, mas ela deve estar acessível ao maior número possível de pessoas que têm o desejo de continuar a vida acadêmica. As Universidades, que tem recebido um número maior de ingressantes, não estão isoladas apenas dentro dos seus contextos locais, pois, no mundo globalizado, suas fronteiras foram expandidas para onde elas possuem algum tipo de atividade. Neste capítulo vamos tratar das políticas de universalização do ensino, que aumentaram a possibilidade de acesso às Instituições de Ensino Superior e das políticas de internacionalização que criaram uma nova gama de possibilidades aos estudantes.

1 - A expansão e a universalização do ensino superior:

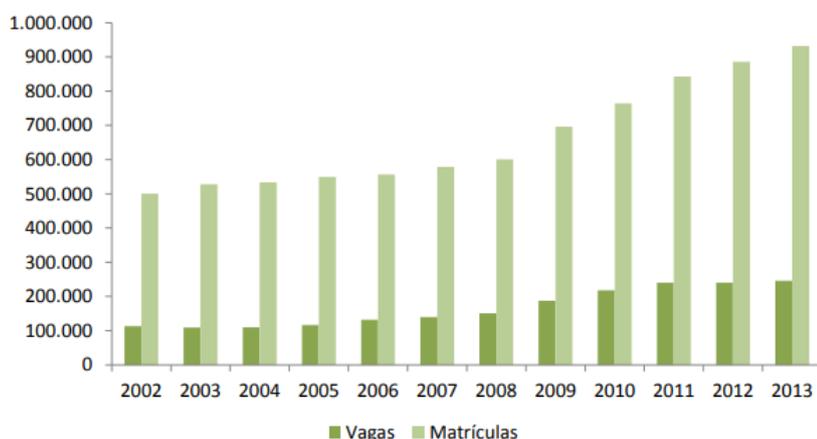
Os debates acerca da expansão do ensino superior no Brasil permitem voltar a meados do século XX, quando entre 1945 e 1960 o número de matrículas triplicou, segundo Sampaio (2014), mediante reivindicações sociais e do desenvolvimento urbano-industrial, que exigiam políticas públicas para democratizar o acesso ao ensino superior. Tais políticas passam a ser implementadas a partir da década de 60 dando início, então, a um primeiro movimento de expansão de Instituições de Ensino Superior de caráter privado, que se alastrou no país a partir dos anos de 90, principalmente nos governos do Presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2003).

A expansão do ensino superior no Brasil, dentro da história recente, passa por dois momentos principais. O primeiro, na década de 1990, quando há uma política educacional implementada pelo Banco Mundial atrelada à expansão do ensino privado e à privatização do ensino público, que marcou parte da gestão do então presidente Fernando Henrique Cardoso. Nomeriano *et al* (2012, p.3) ressalta a justificativa do agente fomentador para tal ação: “[...] o ensino superior nos países de periferia não atende às necessidades do mercado de trabalho possível, ou seja, um mercado de trabalho onde a grande maioria dos trabalhadores não precisa de alta qualificação”.

Contrariamente, o segundo momento, no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, cujo início data de 2003, foi instituído o Grupo de Trabalho Interministerial (GTI), cujo objetivo era avaliar o quadro da educação superior brasileira e propor um plano de reestruturação, democratização e desenvolvimento das IFES. A “reforma” da educação superior, todavia, abrangeu instituições públicas e privadas, estas últimas incluídas, pois estavam enfraquecidas devido à inadimplência (Nomeriano, 2012).

Nos idos do século XXI, a educação superior pública, no Brasil, passou por importante transformação, sobretudo no período de 2002 a 2014, após a criação e a ampliação de Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). Segundo os dados do Censo da Educação Superior de 2013, promovido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (Inep), por meio do programa de expansão universitária, entre 2001 e 2010, o acesso ao ensino superior público cresceu 110% e chegou aos 7 milhões de brasileiros em 2013. Vale salientar que no ano de 2003 foram registrados 3,8 milhões (três milhões e oitocentos mil) estudantes.

Gráfico 1: Crescimento do número de vagas e matrículas na graduação presencial nas Universidades Federais.

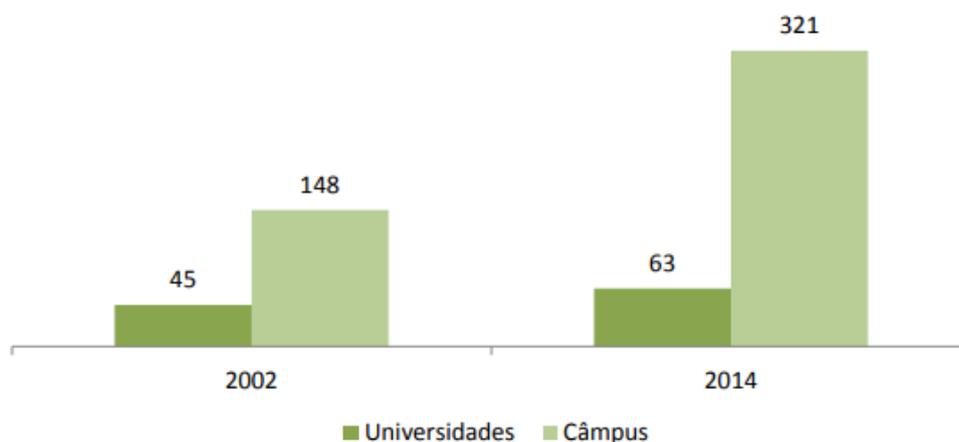


Fonte: CENSO/Inep 2013

O Censo do Ensino Superior de 2013, que avaliou a década de 2001/2010, mostrou que houve um crescimento de 40% no número de Universidades Federais e de 117% na quantidade de campus e unidades. Conseqüentemente a oferta por acesso à educação superior cresceu

exponencialmente nos últimos anos. Em 2008, de acordo o Plano Nacional de Educação (PNE - 2004/2014), 33% da população entre 18 e 24 anos estava matriculada em um curso universitário.

Gráfico 2: Expansão das universidades federais e campus.



Fonte: CENSO/INEP, 2016

O Censo do Ensino Superior (2016), publicado pelo Inep, mostra um crescimento de 20% das IES, entre 2006 e 2016. Desta forma, o Ministério da Educação buscou inserir os jovens no ensino superior em instituições públicas e privadas, tanto aumentando vagas nas instituições públicas, como “criando” vagas por meio de ações inclusivas como o Programa Universidade para Todos (Prouni).

A interiorização foi o caminho desta expansão do ensino superior no Brasil. O investimento em educação é um dos pilares do desenvolvimento e inserir instituições em regiões que nunca tiveram acesso a este tipo de serviço culmina em várias consequências como: a adequação ao local, a um lugar de inovação; oportunidade aos egressos do ensino médio no ensino superior, sem abrir mão do local de origem e; à inserção de profissionais qualificados na região (MEC, 2015). Ainda segundo o Ministério da Educação, as regiões Norte e Nordeste apresentaram significativo aumento no setor.

Entre 2003 e 2013, duas das regiões mais carentes de ensino superior – Norte e Nordeste – apresentaram expansão significativa da oferta. O percentual de crescimento das matrículas na região Nordeste, de 94%, correspondeu ao dobro do registrado para o Sudeste e mais do triplo daquele registrado

na região Sul. A região Norte teve a segunda maior taxa de crescimento (76%) entre as regiões do país. Tais resultados são consequências dos investimentos na interiorização da universidade pública e nas políticas de democratização do acesso desenvolvidas pelo governo federal.

A Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) faz parte desta realidade. Os primeiros cursos da Instituição, que têm sede no Recife, datam de 1912 e em 2018 ela conta com uma comunidade universitária de mais de 20 mil pessoas, entre discentes, docentes e técnicos-administrativos. A UFRPE recebeu a Unidade Acadêmica de Garanhuns, no agreste do estado de Pernambuco, no ano de 2005, como o primeiro campus do programa de expansão e interiorização das IFES.

Em 2006, foi a vez do município de Serra Talhada, no sertão pernambucano receber um *campus* da UFRPE, em 2015 foi a vez da cidade do Cabo de Santo Agostinho município que integra à zona sul da Mesorregião Metropolitana do Recife, e, em 2018, foi contemplado o município de Belo Jardim localizado na região nordeste do Brasil pertencente à Microrregião do Vale do Ipojuca e à Mesorregião do Agreste Pernambucano

Esta desconcentração das universidades dos grandes centros urbanos não foi apenas uma política educacional, mas também social, afinal as cidades nas quais estas universidades aportam, experimentam um desenvolvimento atrelado às exigências de um público até então invisível. A professora Lúcia Câmara, da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST 2016, cap.2), durante a comemoração dos 10 anos da UAST, afirmou que:

A cidade não estava preparada para universidade. Faltavam serviços, restaurantes e opções de lazer. Mas o êxodo de pessoas para cá, com o intuito de trabalhar ou estudar forçou este desenvolvimento. Não havia sequer opção de segundo grau e hoje temos cursos preparatórios para o Enem; a UAST mudou a realidade da cidade.

De acordo com Castro (2007), a universalização do ensino superior diminui a necessidade do êxodo na medida em que as oportunidades para o acesso ao ensino superior passaram a ser geograficamente mais distribuídas no território nacional. A migração do campo para a cidade sempre foi uma tônica com relação à juventude do campo, principalmente no que diz respeito ao acesso

a essa modalidade de ensino, altamente concentrado nas capitais. “A própria imagem de um jovem desinteressado pelo meio rural contribui para a invisibilidade da categoria como formadora de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais” (CASTRO, 2007, p.2).

Nesta perspectiva, a educação é tratada como elemento de inclusão social e de desenvolvimento dos seus indivíduos. A educação, por seu próprio caráter de expansão do conhecimento, tem como característica intrínseca a inclusão, sendo este um caminho em desenvolvimento. Sen (2000) ressalta que o desenvolvimento de uma nação está condicionado à garantia de direitos para as capacidades e liberdades, sendo o acesso a uma educação de qualidade, de caráter essencial.

Ainda que os dados do relatório sobre Capital Humano, do Fórum Econômico Mundial (2013) informe que o Brasil ocupa a 88ª posição em um estudo que envolveu 122 países, que tratou sobre qualidade da educação, o país expandiu bastante suas políticas educacionais não se limitando à interiorização ou ao Reuni, mas criando outras políticas traduzidas no Programa Universidade Para Todos (ProUni) e no Programa Brasil Alfabetizado (PBA), possibilitando o acesso de jovens de municípios com características rurais aos centros universitários, principalmente aqueles localizados no interior.

Carneiro (2005) *apud* Menezes (2012) afirma que a educação se destaca em primeiro lugar como o tema que mais interessa a 22% dos jovens rurais. Segundo a pesquisadora, estes jovens destacaram a área como de principal interesse, pois através dela há possibilidade de obter melhores condições de trabalho. Não há o desejo da mera reprodução da atividade exercida pelos pais seja na agricultura familiar, seja nos latifúndios, mas sim uma educação que possibilite melhor remuneração e condição laboral.

2 – A internacionalização do ensino superior:

Morosini (2006) nos seus estudos, que evidenciaram a tendência de concentração na internacionalização fomentando produção científica, trouxe uma definição sobre o tema, que apesar de complexo, foi sintetizado da seguinte forma:

Internacionalização da educação superior é um conceito complexo, com uma diversidade de termos relacionados, apresentando diversas fases de desenvolvimento. São citadas: a) dimensão internacional – presente no século XX, que se caracteriza por ser uma fase incidental mais do que organizada; b) educação internacional – atividade organizada prevalente nos Estados Unidos, entre a segunda guerra mundial e o término da guerra fria, preferentemente por razões políticas e de segurança nacional; e c) internacionalização da educação superior, posterior à guerra fria e com características de um processo estratégico ligado à globalização e à regionalização das sociedades e seu impacto na educação superior (MOROSINI, 2006, p. 115).

A educação superior brasileira, na história recente, passou pelo momento da educação internacional quando, na década de 1970, o governo brasileiro enviou ao exterior professores e cientistas para um período de qualificação, estudos e pesquisas em universidades, prioritariamente, nos Estados Unidos. O objetivo final era qualificar a mão de obra, pois o mercado de trabalho assim exigia. A internacionalização da educação superior veio em um segundo momento, já no fim da década de 1990 e início dos anos 2000 quando houve um aumento significativo de universidades privadas e os programas de intercâmbio começaram a se popularizar.

Neste período a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), destacou em sua conferência mundial em 1998 que a internacionalização é uma necessidade imperativa para uma universidade que queira se firmar no campo da educação superior, sendo destacado que isso não se trata de uma opção, mas de uma responsabilidade das Instituições de Ensino Superior.

Uma universidade que quer marcar presença e ter liderança no campo da educação superior e no desenvolvimento científico e tecnológico tem como imperativo, hoje em dia, o incremento de suas relações interinstitucionais e internacionais.

O tema da internacionalização das universidades é algo muito importante no mundo inteiro. Ainda que venha ganhando cada vez mais relevância, graças à globalização e as ferramentas da tecnologia da informação, ainda é algo que não tem a difusão e vivência que se deveria ter nas instituições brasileiras.

Ainda que não tenham sentidos iguais, a globalização e a internacionalização coabitam em um mesmo universo e possuem características

em comum. Dentro do contexto educacional, a globalização se prende a questões ligadas à economia, tecnologia com potencial de atingir o ensino superior; já a internacionalização trata de questões específicas para lidar com a globalização.

Rudzki (1998) destaca que a internacionalização é um processo de mudança organizacional, que engloba atualização curricular; desenvolvimento acadêmico do corpo docente; mobilidade acadêmica; busca de excelência na docência, na pesquisa e na estrutura administrativa. Para que o Programa Ciências Sem Fronteiras pudesse funcionar de uma forma mais otimizada, foram feitos ajustes para que houvesse uma convergência nas atividades curriculares cursadas no Brasil e no exterior.

Lima e Contel (2009) dividem a internacionalização das universidades brasileiras em quatro períodos, sendo que estes se misturam com o projeto de desenvolvimento nacional vigente em cada recorte temporal, criação e oferta de cursos de pós-graduação, formação docente e desenvolvimento do conhecimento.

O primeiro período está entre os anos 1930-1950 e neste momento a internacionalização tinha como principal elemento a "importação" de professores, principalmente franceses e norte-americanos, para fortalecer o projeto das universidades brasileiras. O segundo nos idos dos anos 1960 e 1970, durante o regime militar, que teve em foco o envio de pesquisadores brasileiros para estudar no exterior. É a primeira grande leva "exportada" de brasileiros para universidades estrangeiras.

Se nesta época houve uma internalização de pacotes internacionais para o desenvolvimento brasileiro que pouco eram vantajosos para a autonomia nacional como o da agricultura, com a chamada Revolução Verde¹, e o dos automóveis que minou os modais alternativos de trens, bondes e aquaviários, promovendo um verdadeiro investimento em pesquisadores para que estes pudessem ser agentes do desenvolvimento nacional.

¹ Revolução Verde é um termo utilizado para um pacote tecnológico básico utilizado que se montou a partir das sementes de Variedades de Alto Rendimento – VAR e de um conjunto de práticas e insumos agrícolas necessários para assegurar as condições para que as novas cultivares alcançassem níveis crescentes de produtividade. (CAPORAL, 2003)

O terceiro período se passa entre os anos 1980 e 1990 e tem como foco a formação e consolidação de grupos de pesquisa. Neste momento tenta-se consolidar os programas de pós-graduação criados na década anterior e a pesquisa passa a ter um enfoque mais prático, voltada para o mercado. O quarto período se inicia nos anos 2000, e junto com o fenômeno da globalização criam desenvolvimento de pesquisas inclusivas entre universidades, com interesses partilhados e concessão de bolsas para realizar a pós-graduação no exterior. Dentro deste contexto de expansão da internacionalização no decorrer do tempo, Dos Santos (2017) ressalta que o Programa Ciências sem Fronteiras é um dos grandes marcos desta internacionalização, apesar do Brasil ainda possuir pouco destaque no quadro da educação internacional.

Um dos grandes marcos da internacionalização universitária no Brasil é o Programa Ciência sem fronteiras, que buscou promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional. Ressalta-se que esse programa, lançado em 2011 pelo governo federal, exerceu papel fundamental para que as universidades brasileiras passassem a refletir sobre a sua inserção na dimensão internacional e os desafios que estão postos nesse âmbito. Apesar de polêmico por priorizar as áreas tecnológicas, o Ciência sem Fronteiras, durante os anos de sua implantação, permitiu que a agenda da internacionalização se firmasse como prioritária nas universidades brasileiras (DOS SANTOS, 2017, p.12)

A ampliação da qualidade do ensino superior passa pelo processo de internacionalização das universidades brasileiras. Um dos pontos deste processo é o da mobilidade acadêmica, modalidade na qual está inserido o Programa Ciências Sem Fronteiras. O MEC (2013) trata da questão como uma de suas diretrizes trazendo uma relação de dependência entre expansão e internacionalização, ainda que no caso brasileiro exista um déficit de vagas a ser corrigido localmente.

O CSF se enquadra no que Knight (2004) define como internacionalização no exterior, cuja meta é projetar a instituição e suas zonas de interesse para o mundo, incluindo o envio de estudantes para o exterior e firmar parcerias. A isonomia para selecionar os candidatos do Programa e a ampla abertura para estudantes de graduação possibilitou fugir um pouco da atual realidade dos

programas de mobilidade, que privilegiam mais estudantes de pós-graduação, permitindo aos estudantes uma complexa experiência acadêmica.

O Brasil não é pioneiro nas políticas de intercâmbio acadêmico. Países como os Estados Unidos e os europeus, por exemplo, mantêm políticas de intercâmbio e cooperação acadêmica há décadas. Desde 1945 existe o programa *FullBright*, que foi criado para a confluência entre o povo dos EUA e os dos países em desenvolvimento. Na década de 1980, os países da união europeia criaram o *Erasmus* para aumentar o intercâmbio entre estudantes do continente e o volume de cooperação internacional na ciência.

Aquino (2016, p.48) afirma em seus estudos que a “cooperação internacional pode ser considerada como a materialização da própria internacionalização”, e Celso Amorim (1993) faz ponderações sobre a cooperação internacional como, por exemplo, o fato de só realizar cooperação quem tem base científica e tecnológica própria. Ainda segundo este autor, apelar para a cooperação como fonte principal de desenvolvimento é ser eternamente submisso. A cooperação é, portanto, em termos acadêmicos, uma consequência da internacionalização quando esta está consolidada e não um requisito primordial para se internacionalizar.

As políticas de internacionalização devem ser claras e visarem a clareza da cooperação internacional, uma vez que o conjunto denota uma força e importância maior que as partes isoladamente. A intenção de ir além das fronteiras traz consigo a ideia de trabalho intercultural e neste aspecto os gestores educacionais devem entrar em cena para delimitar e facilitar esta congruência de saberes para que haja o desenvolvimento de um conhecimento global.

CAPÍTULO II – AS POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO SUPERIOR PARA OS JOVENS DO MEIO RURAL E O DESENVOLVIMENTO LOCAL

O Brasil teve, durante muito tempo, uma grande concentração das universidades nos centros urbanos, mas a partir dos anos 2000 houve uma reforma do aparelho estatal no que tange a educação superior e, por isso, faz-se necessário estudar as políticas públicas educacionais nesta área, assim como buscar compreender se esta transformação se reverte, em um momento futuro, em ações para o desenvolvimento local.

Neste capítulo, será abordada a questão das políticas públicas voltadas para a educação superior que beneficiam os jovens do meio rural, seu campo conceitual e a necessidade de avaliação e acompanhamento. Por fim, será analisado o tema do desenvolvimento local, como uma consequência do processo de uma educação mais qualificada e inclusiva.

1 - Políticas públicas na educação superior:

O sistema de educação federal do Brasil é de responsabilidade do Governo Federal por intermédio do Ministério da Educação e demais órgãos subordinados. Dentro da infraestrutura existem três bases que se contrabalançam e se equilibram: avaliação, regulação e supervisão. Todo este aparato é montado para se poder obter índices e elementos que ajudem os gestores a melhorarem o nível da educação superior no Brasil. No quadro de aumento expressivo das Instituições de Ensino Superior (IES), como o visto na primeira década desse milênio, e das políticas públicas, estas últimas são analisadas pelo formalismo criado dentro destas três bases para que o processo avaliativo delas possa ser mensurado de forma satisfatória.

As políticas públicas em educação no Brasil, tomaram, à época, como referência o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), que tem como base a Declaração Mundial do Ensino Superior (DMES, 1998). O PDE (2007²) tem

² O Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) foi um conjunto de programas que visaram melhorar a educação no Brasil, em todas as suas etapas. Lançado em 2007, tinha um prazo de quinze anos para ser completado, mas acabou descontinuado antes desse prazo. Apesar disso, muitos dos programas e iniciativas criados por ele se mantiveram, como o TV Escola e o Proinfo, da educação básica, e o Sinaes, no ensino superior. Disponível em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/saiba-o-que-e-e-como-funciona-o-plano-de-desenvolvimento-da-educacao/>

como metas expandir a oferta em educação superior em 33%, fazer com que 40% das matrículas sejam em instituições públicas e elevar os recursos os recursos financeiros ao patamar de 10% do PIB. O Plano de Desenvolvimento da Educação tem como base o Plano Nacional da Educação (2001) e é uma instrumentalização deste último, dando-lhe maior eficácia.

O DMES trata que a educação é sustentáculo primordial dos direitos humanos, da democracia, do desenvolvimento sustentável e, devido a isso, deve ser acessível a todos. Além disso, afirma que "a cooperação e o intercâmbio internacionais são os caminhos principais para promover o avanço da educação superior em todo o mundo" (UNESCO, 1998). O DMES, ainda elenca algumas missões da educação superior, dentre estas destacam-se:

Afirmamos que as missões e valores fundamentais da educação superior, em particular a missão de contribuir para o desenvolvimento sustentável e o melhoramento da sociedade como um todo, devem ser preservados, reforçados e expandidos ainda mais, a fim de:

b) prover um espaço aberto de oportunidades para o ensino superior e para a aprendizagem permanente, oferecendo uma ampla gama de opções e a possibilidade de alguns pontos flexíveis de ingresso e conclusão dentro do sistema, assim como oportunidades de realização individual e mobilidade social, de modo a educar para a cidadania e a participação plena na sociedade com abertura para o mundo, visando construir capacidades endógenas e consolidar os direitos humanos, o desenvolvimento sustentável, a democracia e a paz em um contexto de justiça;

e) contribuir na proteção e consolidação dos valores da sociedade, formando a juventude de acordo com os valores nos quais se baseia a cidadania democrática, e proporcionando perspectivas críticas e independentes a fim de colaborar no debate sobre as opções estratégicas e no fortalecimento de perspectivas humanistas;

f) contribuir para o desenvolvimento e melhoria da educação em todos os níveis, em particular por meio da capacitação do pessoal docente.

O estudo de uma política pública permite analisar de forma mais aprofundada se ações prioritárias do Estado, executadas direta ou indiretamente, atingem seus objetivos e asseguram os direitos necessários ao público-alvo. O tema vem ganhando mais importância à medida que com a redemocratização e os debates sobre as obrigações do Estado, que em parte

substituí as políticas *keynesianas*³ no pós-guerra, acerca de políticas inclusivas que tivessem impactos financeiros menores se tornaram constantes.

A condição de economias mais frágeis, principalmente em países em desenvolvimento fomentaram este debate, pois se fez necessário melhor alocar os recursos públicos, sem perder em conta o interesse público, princípios como a economicidade e a efetividade, tendo em vista o papel de Estado como gestor, se assemelhando a uma espécie de empresa.

Soma-se a isto o fato de que boa parte dos países, Brasil incluso, não conseguiu ainda,

[...] equacionar minimamente a questão de como desenhar políticas públicas capazes de impulsionar o desenvolvimento econômico e de promover a inclusão social de grande parte de sua população. Respostas a este desafio não são fáceis nem claras ou consensuais (SOUZA, 2006, p.21).

Ezequiel Redin (2017, p. 234) ao tratar do tema juventude rural enfatiza a importância de políticas específicas para o público do meio rural dado o seu histórico social e a importância de uma mudança de paradigmas frente à modernização do campo. O autor ressalta que o estudo era considerado secundário para desempenhar as atividades agrícolas, que antes eram na base da força. Com o avanço tecnológico esta relação mudou e a formação de mão de obra tecnicamente qualificada e a educação se mostrou um caminho viável devido às políticas educacionais.

No mesmo caminho, Weisheimer (2005), aponta para a necessidade de políticas públicas voltadas para este público e que tenham os jovens como protagonistas no processo de desenvolvimento. A ausência destes jovens em espaços de formulação e decisões políticas é um dos fatores que dificulta a implementação de políticas públicas voltadas especificamente para eles. Sposito (2003) trata do tema e afirma que o entendimento da trajetória das políticas públicas voltadas aos jovens se perde mais em campos filosóficos que na resolução de questões práticas.

Ainda dentro do campo de pesquisa das políticas públicas, Kessler (2005) trabalha a relação deste campo científico com a juventude rural e ressalta que

³ O keynesianismo é uma teoria econômica do começo do século XX que defendia a ação do estado na economia com o objetivo de atingir o pleno emprego. GASPARETTO JUNIOR, 2013: disponível em <https://www.infoescola.com/economia/keynesianismo/>

esta categoria social deveria ocupar lugar central nos planos de desenvolvimento, ao contrário da pouca atenção que ainda recebe. Castro (2008) ressalta que apenas a partir da década de 1990, os jovens rurais passam a ser considerados atores políticos e a intensificação de ações que repercutem nesses jovens demonstra uma ressignificação da importância desta categoria social na formulação de políticas públicas.

Sen (2000) ressalta a importância de existirem mecanismos que tenham como fundamento garantir direitos e possibilidades de escolhas aos jovens, pois para existir desenvolvimento faz-se necessária a expansão das liberdades. O autor trabalha com o conceito de políticas públicas voltado para o incremento da capacidade humana e das liberdades substantivas.

No campo das políticas públicas educacionais, os estudos de Stephen Ball (2009) são uma referência. O autor propõe um ciclo com cinco contextos: Contexto de Influência, Contexto da Produção de Texto, Contexto da Prática, Contexto dos Resultados (efeitos), e Contexto da Estratégia Política. Além disso, afirma que a análise destas políticas deve considerar vários conceitos e teorias, frente às inúmeras questões sociais referentes ao tema. Para o autor faz-se necessário, para uma maior compreensão, promover o diálogo das questões gerais com as locais, pois, a partir da experiência dos sujeitos se pode analisar bem se a política atende às especificidades destes e das suas respectivas localidades.

O Contexto da Influência é aquele no qual as políticas são desencadeadas e os debates começam a ser elaborados. Nesta fase, os grupos de interesse tentam exercer influência no direcionamento da política. O Contexto da Produção de Texto é o momento no qual os textos são criados e articulados de forma a serem compreendidos pelo público geral, afinal uma política pública cujo público-alvo não a compreende não é eficaz. O Contexto de Prática é o momento no qual a política é testada empiricamente e recebe o feedback, que pode representar a sua manutenção ou transformação. O Contexto dos Resultados, condiz com os efeitos trazidos pela política e estes também podem significar mudanças na concepção original. O Contexto da Estratégia Política, que identifica as atividades que podem lidar com as desigualdades criadas pela política pública.

O Programa CSF passou por estes três últimos contextos ao modificar algumas de suas regras, ou seja, O Contexto de Prática, dos resultados e da

estratégia política. Em um primeiro momento, as matrizes curriculares das graduações não precisavam ser, necessariamente, complementares ou até mesmo existentes nos dois países. Os estudantes poderiam, por exemplo, cursar disciplinas práticas no exterior que não seriam aproveitadas na sua volta ao Brasil e, com isso, havia a possibilidade de a graduação demorar 6 (seis) meses ou 1 ano a mais que o previsto no curso.

Enquanto área de conhecimento, todo o aprendizado era válido, todavia o tempo e a matriz curricular ainda eram um problema a ser resolvido. A partir de 2014, um dos critérios do Programa para aprovar os graduandos era de que as matrizes curriculares deveriam ter uma maior semelhança e, na volta, ser aproveitada no curso original. A revisão do Programa permitiu ampliar os cursos abrangidos, pois em sua primeira fase, eram muito restritos a área de tecnologia da informação e engenharias.

Todavia, para se pensar qualquer política pública em educação é necessário fazer um regaste histórico da educação superior brasileira, pois as políticas educacionais foram, segundo Alves (2013, p.134):

[...] direcionadas aos interesses da colônia, das elites, dos ditadores e inicia o século XXI num contexto de novas definições em que estão em jogo as privatizações e as exigências do mercado internacional. Esse contexto cria e recria cotidianamente umas práxis que impossibilita ao jovem romper com as amarras de políticas de identidade colonizadoras para reestruturar identidades em emancipação.

Soma-se a isso, o papel das mulheres neste quadro: do período colonial até o início do século XIX, a educação feminina era limitada à casa, ao marido e aos filhos e a educação mais formal era restrita aos homens. Com a criação do Ministério da Saúde e Educação em 1930 e com a demanda do modo capitalista adotado pelo Brasil, as políticas educacionais abriram espaço, por uma necessidade urgente de mão de obra, para as pessoas além dos homens brancos da elite brasileira. O ensino brasileiro foi estratificado conforme salienta Teixeira (1976, p.305-306):

A sociedade brasileira que organizou um sistema de ensino para cada classe, o primeiro para as classes baixas, o médio estadual para a classe média e o secundário acadêmico e superior para a elite deparou-se na década de 1950, com um sistema único,

compreendendo escola primária, escola média vocacional, escola secundária acadêmica, cujo objetivo era atingir o ensino superior. O grupo de alunos que terminava o ensino médio já havia sido selecionado nas etapas anteriores pelo processo de eliminação, de modo que, os concluintes se julgavam à admissão na universidade, isto é, educar-se e gozar dos privilégios de elite social.

Ao dedicar um capítulo à educação e a alçar ao status de direito social a Constituição Federal de 1988 se transformou em um terreno fértil para a implementação de políticas públicas na educação, visando obedecer aos ditames da Carta Magna. Desta forma, surgiram diversas políticas de inclusão e manutenção de estudantes no ensino superior brasileiro em um primeiro momento. Devido ao nosso processo histórico e social, a primeira necessidade era dar acesso e fazer com que os estudantes permanecessem nas universidades. No segundo momento, entram em cena, políticas que buscavam qualificar esta educação superior, que envolvem cursos, atividades de extensão, mobilidade acadêmica, internacionalização, dentre outros campos.

1.1 O Programa Ciências sem Fronteiras (CSF):

O Programa Ciências Sem Fronteiras (CSF) surge como uma política pública “que busca promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional” (MEC, 2016). O CSF tem em seus objetivos, dentre outros, levar estudantes e pesquisadores brasileiros para universidades no exterior, inserir as universidades brasileiras no contexto científico global e ampliar o conhecimento inovador. O Programa é uma iniciativa dos ministérios da Educação e da Ciência, Tecnologia e Inovação, realizado através do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Art. 2º - São objetivos do Programa Ciência sem Fronteiras:
I - Promover, por meio da concessão de bolsas de estudos, a formação de estudantes brasileiros, conferindo-lhes a oportunidade de novas experiências educacionais e profissionais voltadas para a qualidade, o empreendedorismo, a competitividade e a inovação em áreas prioritárias e estratégicas para o Brasil; (...).

III - criar oportunidade de cooperação entre grupos de pesquisa brasileiros e estrangeiros de universidades, instituições de educação profissional e tecnológica e centros de pesquisa de reconhecido padrão internacional; (...) (BRASIL, 2010).

O Programa Ciências Sem Fronteiras, em termos de políticas públicas educacionais, internacionalizou as oportunidades de aprendizados para aqueles, cujo desempenho acadêmico fosse no mínimo bom, o que inclui média igual ou superior a 7,0 (sete), comprovado pelo Diretório de Registro e Controle Acadêmico (DRCA) da universidade, proficiência na língua na qual se irá fazer o intercâmbio, além de média geral do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) maior que 600 pontos. Jane Knight (2005, p. 16) destaca alguns aspectos, que para ela, são avanços trazidos pela internacionalização:

- a) Sociocultural – gera desenvolvimento de recursos humanos e culturais, alianças estratégicas;
- b) Político – contribui para a construção de instituições e de nações, desenvolvimento social e entendimento mútuo;
- c) Econômico – promove o aprimoramento da qualidade em padrões internacionais e geração de renda;
- d) Acadêmico – permite a capacitação de estudantes e equipes, gerando conhecimento através de alianças estratégicas.

Para os jovens do meio rural participantes do CSF, que muitas vezes, nunca haviam saído do seu Estado de origem, ou até mesmo viajado de avião, a experiência internacional torna-se uma experiência de vida. A interculturalidade⁴ proporcionada pelo contato com pessoas de diversas nações é enriquecedora, adicionada pela imersão na cultura do país que recebe o discente. O ganho acadêmico talvez seja o principal, ao tratar do CSF, em um primeiro momento, pois o contato dos estudantes com uma educação diferente e uma produção científica, em geral maior, permite que eles ampliem os horizontes para novas possibilidades e qualifiquem seus estudos com novos métodos e conhecimentos, os trazendo de volta para aplicar no seu dia a dia.

Segundo dados da Assessoria de Cooperação Internacional (ACI) da UFRPE, entre os anos de 2011 e 2013, o crescimento do índice de mobilidade

⁴ Segundo Vasconcelos (2007), o conceito de interculturalidade é usado para indicar um conjunto de propostas de convivência democrática entre diferentes culturas, buscando a integração entre elas sem anular sua diversidade, ao contrário, visa fomentar o potencial criativo e vital resultante das relações entre diferentes agentes e seus respectivos contextos.

de estudantes foi de 400%. Apenas em 2014, UFRPE enviou 96 estudantes para estudos em 17 (dezessete) países e recebeu 60 (sessenta) estrangeiros entre os anos de 2012 e 2014 (UFRPE, 2016).

Das 101.000 bolsas a serem implementadas como meta, o Programa conseguiu, até o ano de 2016, levar 92.880 estudantes brasileiros ao exterior, sendo 73.353 deles da graduação, o que representa 78,97% do total de estudantes. O Estado de Pernambuco levou 3.598 destes graduandos para o além-mar, sendo 456 oriundos da UFRPE, incluindo o campus Recife e as Unidades Acadêmicas de Serra Talhada e Garanhuns.

Até a implementação do Programa CSF, a participação dos estudantes brasileiros no intercâmbio acadêmico era ínfima. O Programa surge como uma necessidade para a melhoria da educação, que passara por quase uma década (1993-2002) com investimentos estagnados. Buscar o conhecimento na fonte para reaplicar no Brasil se mostra fundamental dentro de uma política de expansão do ensino superior e em um incremento da produção científica nacional.

Conforme dados do MEC (2013), antes do Ciências sem Fronteiras o Brasil ocupava a 14ª posição como país de origem dos alunos estrangeiros nas universidades norte americanas, o que representava pouco mais de 8.000 estudantes. O percentual era muito aquém aos quase 4 milhões de matriculados nas universidades brasileiras e não representava a importância econômica e científica do país no cenário mundial.

Após a implantação do Programa, segundo dados do Instituto de Educação Internacional (IIE 2016), em pouco mais de três anos, o país enviou mais de 20.000 estudantes para os EUA, um aumento de 250%, que levou o Brasil a ser o sexto país a enviar graduandos à terra do Tio Sam. Ainda de acordo com o Instituto, a principal razão para o aumento é o CSF, que o coloca como o principal programa de mobilidade acadêmica da história brasileira.

O Programa Ciências sem Fronteiras, dentro dos ideais que o regiam, almejava contribuir com a base científica e tecnológica, tão necessária ao Brasil, todavia após o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff, no ano de 2016, o Programa CSF sofreu com limitações que terminaram por encerrá-lo em 2017 e, como uma dentre as muitas consequências, pode impedir o avanço desses estudos científicos e, conseqüentemente, manter o Brasil em condição de

submissão acadêmica, conforme explica Dias Sobrinho (2014, p. 649): "As instituições que não se abrem aos contextos cooperativos mundiais tendem a aumentar ainda mais sua escassa significação no cenário global da produção de conhecimentos".

2 - Juventude Rural e ensino superior

O reconhecimento da diversidade da juventude brasileira, identificada pelo próprio Estatuto da Juventude - EJ⁵, foi um importante passo para uma denominação clara sobre esta parcela da sociedade, da mesma forma que serve como meio auxiliar na implementação de políticas públicas voltadas a este público. O EJ trata, em seu artigo 17, na seção IV, do capítulo II especificamente sobre a diversidade:

Art. 17 - O jovem tem direito à diversidade e à igualdade de direitos e oportunidades e não será discriminado por motivo de:
I - etnia, raça, cor da pele, cultura, origem, idade e sexo;
II- orientação sexual, idioma ou religião;
III- opinião, deficiência e condição social e econômica.

Castro (2008, p.181) trata das definições genéricas que são inculcadas no tema ao afirmar que "associada a problemas e expectativas, a categoria tende a ser constantemente substantivada, adjetivada, sem que se busque a auto percepção e formação de identidades daqueles que são definidos como 'jovens'".

Não obstante, Pais (2003), que lida com a sociologia da juventude, trabalha com duas acepções desta ciência para definir a juventude. A primeira diz que a juventude é definida como um grupo social formado por indivíduos em um determinado momento da vida e o segundo como um grupo diverso com

⁵ O Estatuto da Juventude foi criado no governo da Presidenta Dilma Rousseff, por meio da Lei n.º 12.852, de 5 de agosto de 2013, que "Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional da Juventude – SINAJUVE.

diferentes culturas, classes, interesses, o que dificulta uma única definição do termo.

No campo do conhecimento acerca do tema da juventude, destaca-se neste trabalho, a juventude rural e não há, em um primeiro momento, uma conceituação clara sobre este público e muitos autores destacam dificuldades em definir com exatidão o termo. Este conceito unívoco, segundo Weisheimer (2005) é de difícil aceitação pela heterogeneidade natural do público. Raitz e Petters (2008) seguem este raciocínio e complementa que foi este fator que levou força para a inclusão da temática da juventude na agenda política brasileira.

Carneiro (2007) trata da dificuldade de estabelecer uma definição clara de juventude rural, porque o próprio conceito de rural não se mostra claro, face às questões de mobilidade campo-cidade que se apresentam na contemporaneidade. A autora estuda a juventude e as “novas mentalidades” que ela traz por intermédio desta vivência urbano-rural e os desafios dos jovens em ter seus anseios atendidos, pelas possibilidades trazidas pela cidade, mas tendo como contraponto o fortalecimento das raízes campestres, também reforçada pela revalorização do campo pelas pessoas da cidade. Tudo isso, segundo Carneiro (2007), muda a percepção que o jovem tem de si e do meio em que vive.

Os jovens oriundos de contextos rurais vêm sendo considerados como relevante grupo social, que passaram a ser alvo de políticas públicas das mais diversas, tais como Nossa Primeira Terra, para aquisição de propriedade rural e o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar para os jovens (Pronaf jovem), por exemplo. De forma geral, a legislação aplicada é a da Lei 11.129, que “Institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem; cria o Conselho Nacional da Juventude – CNJ e a Secretaria Nacional de Juventude” (BRASIL, 2005, p.1).

Castro (2016, p. 100) afirma que, entre 2005 a 2015, o Brasil experimentou uma década de políticas públicas voltadas para a juventude com ações, principalmente, do Governo Federal: “[...], trouxeram a juventude para o centro do debate sobre os rumos para o desenvolvimento brasileiro [...]”, que mudou o patamar deste público, antes muito ligado à delinquência. Não obstante, a autora observa limites e fragilidades relacionados à juventude e,

especificamente à juventude rural, tendo em vista que, “[...] temos ainda um processo de reafirmação da identidade juvenil nessas organizações de juventude rural, em diálogo com fronteiras invisíveis ainda intransponíveis para uma parcela importante da juventude rural”, o que enseja que “[...] as possibilidades reais de escolarização, acesso à terra e à renda, muito valorizados como caminhos para a construção de autonomia”, são desafios reais, apesar dos esforços empreendidos. (CASTRO, 2016, p.101)

Faz-se necessário contextualizar o ambiente de onde estes jovens normalmente surgem, assim como o processo histórico que os formaram. No Nordeste, as localidades são caracterizadas pela precariedade de acesso a bens e serviços desde os básicos até os mais complexos. No caso dos jovens que estudam pode-se ressaltar o transporte como uma dessas carências; transportes alternativos ainda fazem parte do contexto daqueles que não conseguem acesso a uma alternativa pública.

Apesar das dificuldades, o acesso à educação é, segundo Abramovay (1998), um dos determinantes para permanência no meio rural, o que corroborado com Carneiro (2005) que complementa, afirmando que a educação é o meio de acessar um emprego, ressaltando que em muitos casos se faz a associação com o afastamento da atividade agrícola.

Os jovens, em um primeiro momento, tiveram acesso ao ensino superior numa escala maior. O Censo de 2016 destacou mais de 8 (oito) milhões de matrículas em 2015, mantendo a taxa de aumento de 4,9% no número de alunos nas IES do Brasil. Além disso, estes jovens tiveram a oportunidade de participar de Programas como o Ciências sem Fronteiras, cujo foco na mobilidade acadêmica levou estudantes universitários a Instituições de Ensino Superior no estrangeiro para novas experiências pessoais, culturais e acadêmicas.

3 - Desenvolvimento Local: uma sequência do processo:

Entendendo o conceito de desenvolvimento como aquele de promoção de mudanças é fundamental estudar o desenvolvimento local na perspectiva de um desenvolvimento alternativo ao hegemônico, sendo uma sequência do processo da qualificação educacional de jovens do meio rural. Para De Jesus (2003) o desenvolvimento local é um processo que permite articular pessoas e entidades,

tendo como meta fortalecer e movimentar a economia local, trazendo novas oportunidades de trabalho e geração de renda, proporcionando melhoria na qualidade de vida da população local.

Maluf (2000) trabalha com a ideia de que metodologicamente e conceitualmente, o desenvolvimento local é controverso, e instaurar medidas de avaliação é muito difícil. Benko e Lipietz (1994) tratam do tema com um rearranjo natural da era pós-fordistas, e na linha oposta Bacattini (1994) defende a ideia de que o desenvolvimento local tem uma dinâmica própria e independente. Há, também, os defensores da ideia de que o tema é uma alternativa ao desenvolvimento hegemônico (Santos e Rodríguez-Garavito, 2006). Martins, Vaz e Caldas (2010, p. 564) destacam essa pluralidade de significações:

O desenvolvimento local também apresenta vários significados, comportando as diferentes dimensões em que se exerce a cidadania, e tem condições de criar um espaço de interação entre cidadãos, recuperando a iniciativa e a autonomia na gestão do que é público. Essa concepção não admite modelos paradigmáticos de desenvolvimento local.

Alinhado com o pensamento de Castro (2007) e Carneiro (2005) sobre a relação êxodo e educação, parte-se do pressuposto de que a política em estudo é mais um elemento que facilitará a permanência destes jovens no meio rural. Esta fixação de um público educacionalmente qualificado, em sintonia com os estudos de Martins e Thomazi (2014), é primordial para que haja um projeto de Desenvolvimento Local, que seja sustentável em longo prazo.

Este tipo de desenvolvimento se fundamenta em uma ação conjunta e participativa dos seus agentes e uma mobilização democrática. O desenvolvimento local é, dentro deste processo, uma sequência da perspectiva que qualificando e oportunizando, os jovens não apenas irão permanecer no seu local de origem, mas vão além desenvolvendo novos métodos sustentáveis e renovadores da vida no campo.

O desenvolvimento local, na sua perspectiva de ser uma alternativa ao modelo de desenvolvimento hegemônico, que visa precipuamente o fator econômico, segue os pressupostos para garantir sua diferenciação e mostrar-se uma opção sustentável. Em resumo, os pressupostos do desenvolvimento local podem ser elencados da seguinte forma:

- a) base endógena da iniciativa;
- b) participação e protagonismo social no planejamento, implementação e avaliação de projetos;
- c) escala limitada e impactos sociais e ambientais controlados;
- d) geração de benefícios diretos à população local;
- e) afirmação cultural e Interculturalidade a partir do encontro. (BETTI, 2014)

A base endógena diz respeito à mudança de dentro para fora e não como algo imposto de fora para dentro sem o necessário conhecimento da realidade local. O desenvolvimento precisa partir de demandas de quem enfrenta as questões localmente e não de um *outsider*. O protagonismo é conseguido quando os próprios agentes beneficiários participam do desenvolvimento disponibilizando suas potencialidades. Os impactos sociais e ambientais controlados são para garantir a sustentabilidade do desenvolvimento e não invadir diretos de terceiros. A geração de benefícios à população local é uma contrapartida para que haja um estímulo à perpetuação das ações e um estímulo para novas medidas. A afirmação cultural é um pressuposto necessário para que a cultura e os costumes sejam preservados.

O desenvolvimento local (DL) é uma espécie de coringa que serve de base para várias áreas de pesquisa como o associativismo de Carvalho (2006); a cultura gastronômica de Cezar (2013); as novas ruralidades de Silva (2013); os povos tradicionais de Andrade (2015); todavia, não há nenhum que correlacione com políticas públicas educacionais nas bases de dados pesquisadas. Esta relação de educação e desenvolvimento local, aliás, é trabalhada por Hansen (2003) que destaca o fato do DL ser promovido por meio de processos globais, aliados às políticas educacionais. Já Franco (1998, p.55) trabalha com a ideia de que o desenvolvimento local é uma estratégia que facilita a conquista da sustentabilidade.

Um novo modo de promover o desenvolvimento que possibilita o surgimento de comunidades mais sustentáveis, capazes de suprir suas necessidades imediatas, descobrir ou despertar suas vocações locais e desenvolver suas potencialidades específicas além de fomentar o intercâmbio externo, aproveitando-se de suas vantagens locais.

De Jesus (2003) trabalha, também, com o conceito de que o desenvolvimento é um processo promotor ou causador de mudanças. Nesta perspectiva, podemos observar alguns aspectos que podem elucidar de forma mais clara a ligação entre o DL e a educação. Ao conseguir acesso a uma universidade, o jovem tem acesso a estudos e práticas que irão ampliar, ou até mesmo transformar, o horizonte e serão postos como complementares às práticas e conhecimentos empíricos que são colocados no dia a dia; há uma oxigenação de conhecimento e práticas.

Ainda que o processo de desenvolvimento não seja necessariamente imediato, ações ainda que incipientes podem fechar a corrente cujo primeiro elo foi o da possibilidade de acesso ao ensino superior. No caso, entende-se que se trata de um desenvolvimento endógeno, por buscar o conhecimento e o saber científico a partir das necessidades locais. Não é uma demanda das IFES; elas suprem uma demanda historicamente reprimida.

O DL destaca-se como a parte final deste ciclo que tem início na inclusão, passa pela qualificação e tem no processo de construção do conhecimento o elemento fundamental para transformar pessoas e realidades. A relação entre juventude e desenvolvimento local é trazida à tona por Beduschi Filho (2015, p. 6), que ressalta o instinto de mudança deste grupo social: "[...] a juventude leva consigo o “germe da mudança”. Espera-se dela uma atitude contestadora, provocada pelo inconformismo com determinadas situações, que pode desencadear processos de mudança social".

Para que o jovem rural seja efetivamente um empreendedor amplo do desenvolvimento local, o autor trabalha com a ideia de que se faz necessário que se ofereça a ele formação humana, gerencial e técnica de qualidade, pois não é tarefa simples convencer agricultores que há gerações tem uma forma de trabalhar e pensar, aceitem facilmente a mudança; “Despertar o desejo de mudanças nos mais velhos e conseguir a sua cumplicidade em projetos inovadores continua sendo um grande desafio para os jovens rurais”. (BEDUSCHI FILHO, 2015, P.07)

CAPÍTULO III - MEIOS PARA UM FIM: PERCURSO METODOLÓGICO

Para alcançar os objetivos pretendidos nesta pesquisa, fez-se a opção pela pesquisa qualitativa, no sentido de não apenas verificar quantos jovens do recorte *juventude rural* tiveram acesso ao Programa Ciências sem Fronteira, mas, sobretudo, de que forma essa experiência influenciou seu desenvolvimento acadêmico e pessoal. De acordo com Minayo (2010), a pesquisa qualitativa trata do tipo de método aplicado ao estudo da história, das relações, das representações, das percepções, das opiniões, dentre outros, a partir da leitura feita pelos sujeitos sociais a respeito de como vivem e pensam.

Grubits & Noriega (2004) afirmam que em uma pesquisa qualitativa nada é trivial, tendo em vista que toda e qualquer manifestação tem o poder de fornecer informações ao pesquisador para compreensão do objeto estudado. Esse pensamento é reforçado por Campos (2013, p.41), que afirma:

A pesquisa qualitativa é predominantemente descritiva. Os dados coletados são mais uma forma de palavras ou figuras do que números. Estes dados incluem entrevistas transcritas, notas de campo, fotografias, produções pessoais, depoimentos ou outra forma de documento. O pesquisador qualitativo tenta analisar os dados em toda sua riqueza, respeitando, no possível, a forma de registro ou transcrição.

Embora a natureza desta pesquisa seja qualitativa, os dados quantitativos foram importantes, pois eles serviram como uma base de sustentação para as argumentações e análise dos dados. Os números e as frequências nos dão, em um primeiro momento, a relevância da participação dos jovens no Programa Ciências sem Fronteiras e ressaltam a importância deste estudo. A análise qualitativa elevará os números a um estudo de como este público tem a sua experiência de cursar uma universidade modificada pela dupla formação.

A metodologia teve seu caminho traçado a partir da pesquisa exploratória, que permitiu a aproximação do pesquisador com o tema e os sujeitos a serem pesquisados. De acordo com Selltiz et al (1967, p.63):

Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

O estudo exploratório permitiu o levantamento bibliográfico e o contato com algumas pessoas ligadas ao objeto de estudo. Segundo Silva (2013), por exemplo, a Unidade Acadêmica de Serra Talhada da UFRPE é composta, dentro do seu corpo discente, de 18% de jovens rurais.

1- Universo pesquisado:

O Universo pesquisado foi a Universidade Federal Rural de Pernambuco, compreendendo o *campus* sede e as Unidades Acadêmicas de Garanhuns e Serra Talhada, por abrangerem todo o espaço temporal sugerido nesta pesquisa. Não fez parte do estudo a nova Unidade da UFRPE no município do Cabo de Santo Agostinho, cujas atividades iniciaram apenas em 2015, sendo este, o último ano do Programa CSF.

No espaço pesquisado estão matriculados os jovens rurais que foram entrevistados. Também, se encontram os sujeitos do setor que administra o programa de mobilidade e que possui a base documental estudada em conjunto com as entrevistas.

2- Sujeitos pesquisados:

Os sujeitos entrevistados são os jovens oriundos do meio rural, que estudaram graduação na UFRPE no período de 2011 a 2015 e participaram do Programa Ciências Sem Fronteiras. Segundo relatório do MEC, publicado em 2016, a Universidade Federal Rural de Pernambuco enviou 426 (quatrocentos e vinte e seis) discentes em mobilidade por esta política pública, mas não há, ainda, dentro da Assessoria de Cooperação Internacional, o recorte entre jovens urbanos e rurais, o que foi realizado por análise cadastral dos estudantes na Instituição.

O mapeamento destes jovens para essa pesquisa começou com os registros da Assessoria de Cooperação Internacional, setor dentro da universidade responsável por gerir o Programa Ciências sem Fronteiras. A triagem dos 325 participantes precisou, em determinado momento, ser individualizada e a busca passou por algumas fases. A primeira foi realizada pelo endereço de correio eletrônico fornecido pelos estudantes quando participaram

do Programa. Neste estágio conseguimos obter retorno de cerca de 30% dos intercambistas. Posteriormente, o contato foi via redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter), por mensagens diretas e privadas, para permitir maior discricão e nesta busca foi possível contato com 7% dos estudantes. Por fim, foi feito contato por ligação telefônica e aplicativos de mensagens no intento de conseguir trabalhar com os faltantes. Nesta terceira fase foi possível mapear 10% dos discentes, totalizando 152 estudantes, o que representa 47% de todos aqueles que, por intermédio do Ciências sem Fronteiras, tiveram uma experiência acadêmica internacional durante a graduação.

Também foram promovidas entrevistas com dois profissionais da área de mobilidade acadêmica que trabalham na UFRPE e são responsáveis pela gestão da ACI e dois gestores da área de graduação, lotados na Pró-Reitoria de Graduação, escolhidos para fornecer um panorama institucional sobre a importância de uma política pública como essa não apenas para os discentes, mas também para as IFES.

Para garantir a preservação das identidades dos sujeitos pesquisados, optou-se pelo anonimato, o qual foi previamente acordado com os sujeitos, garantindo-lhes maior liberdade de expressar sua fala. Para efeito desta pesquisa, escolheram – se nomes dos personagens da série ficcional *Game Of Thrones* para apelidar os jovens do meio rural que participaram do Ciências sem Fronteiras. Ainda no intuito de preservar a identidade dos entrevistados, o gênero do personagem não corresponde, necessariamente, ao gênero do entrevistado.

3- Meios e instrumentos de coleta de informações:

Com o objetivo de maior fidedignidade à realidade do universo pesquisado, foram realizadas entrevistas com discentes para precisar a origem rural e garantir o pleno conhecimento quantitativo deste público.

As entrevistas foram do tipo semiestruturada, que busca compreender a experiência dos estudantes no exterior, as principais atividades desenvolvidas, as vivências e os relacionamentos em um campus internacional, entre outros

⁶ Game of Thrones é uma série televisiva ficcional produzida pelo canal de TV a cabo HBO e que conta a batalha pelo Trono de Ferro de Westeros, um reino de fantasia. A série é baseada nos livros de George Martin escritos entre 1996 e 2011.

pontos relevantes. As entrevistas tiveram como ponto de partida um roteiro (Apêndice B).

A entrevista é um meio que permite ao pesquisador acesso a dados muitas vezes não disponibilizados na revisão bibliográfica. Impressões pessoais, experiência vividas, reações de um entrevistado ao ser indagado sobre o problema de pesquisa podem trazer questões para além das quais o pesquisador esperava inicialmente.

Minayo (2002, p.57) compreende a entrevista como sendo uma “técnica que se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala (...) e serve como meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico”.

Sobre a entrevista semiestruturada as perguntas pré-definidas fornecem uma espinha dorsal para que as perguntas abertas, assim como as novas perguntas que possam surgir durante a entrevista, façam as ligações necessárias para o entendimento dos assuntos pesquisados. É um tipo de entrevista que permite ao pesquisador adaptar questionamentos a partir de respostas específicas dadas e, com isso, expandir a análise qualitativa, o que, por outro lado, demanda uma habilidade do entrevistador para que não haja um desvio do objeto pesquisado. Manzini (2013) afirma que a entrevista semiestruturada foca em um assunto dentro de um roteiro com perguntas principais, cujo complemento se dá por outras questões referentes às circunstâncias momentâneas à entrevista.

Para o trabalho em tese, foram realizadas 08 entrevistas, com os discentes participantes do Programa Ciências sem Fronteiras distribuídos nos *campi* da UFRPE. As entrevistas foram combinadas com os estudantes que se dispuseram a contar suas experiências para fornecer uma melhor compreensão para o pesquisador.

Aliada à entrevista, a apreensão de informações se deu também por meio da análise documental, que, se fundamenta em identificar, verificar e apreciar os documentos para utilizá-los como uma forma de complementação de informações obtidas de outras fontes e para maior compreensão do objeto estudado. Souza (2011, p.223) relata algumas vantagens deste tipo de análise:

Algumas vantagens do método de análise documental consistem no baixo custo e na estabilidade das informações por serem “fontes fixas” de dados e pelo fato de ser uma técnica que não altera o ambiente ou os sujeitos.

Ainda que a falta de vivência do fenômeno para melhor representá-lo seja uma crítica constante a este tipo de análise, a organização unificada e sistemática auxilia para uma descrição e representação do objeto de forma mais fiel, além de facilitar sua consulta e referência. No caso da pesquisa em tela, a análise de documentos, ou seja, relatório pós-viagem respondido por todos/as os participantes do programa, foi crucial, pois forneceu dados sobre a experiência coletados pela Assessoria de Cooperação Internacional no intuito de ter um registro da experiência e ter dados para a melhoria do mesmo.

Dentre os documentos analisados contou-se com o cadastro dos estudantes participantes do Programa Ciências sem Fronteiras, que permitiu fazer o recorte do público a ser estudado, como também forneceu dados quantitativos da participação destes jovens no Programa. Além desse cadastro foi possível utilizar as informações do relatório que é produzido após o retorno para a Universidade de origem com o relato da experiência dos estudantes e entregue à Assessoria de Cooperação Internacional. Este último, porém, não possui um modelo estrito, então os relatos podem variar entre alguns poucos parágrafos e muitas páginas. Ainda que não exista uma uniformidade para o preenchimento deste relatório, o mesmo é responsável por disponibilizar dados qualitativos sobre a experiência de se cursar uma graduação no exterior.

Foram analisados três documentos para dar respaldo à fundamentação teórico-metodológica e um maior entendimento do objeto de estudo: 1- A ficha cadastral: contém os dados pessoais dos graduandos, destacando o seu local de origem, se rural ou urbano; o curso e outros dados complementares. 2- O roteiro de atividades: é uma avaliação da experiência após o término do intercâmbio com destaques para a experiência pessoal, experiência acadêmica e as sugestões dos discentes para a melhoria das atividades do programa. Este foi de fundamental importância para realizar o cruzamento das informações com os resultados das entrevistas realizadas com estes discentes. 3- O roteiro de notas: é uma avaliação da Instituição de Ensino Superior sobre o discente e fornece subsídios sobre o aproveitamento acadêmico dos estudantes.

Tratam-se de documentos oficiais e o olhar investigativo deve apreender o que é dito, mas também aquilo que não está dito (SHIRONA, CAMPOS E GARCIA, 2005). Nesta perspectiva, a Análise de Discurso possibilitou compreender questões não postas claramente, sejam por discentes, seja pelos sujeitos das instituições oficiais. Um documento não é um objeto solto no tempo, conforme destaca Le Goff (2006, p.537-538):

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, é o testemunho, os ensinamentos (para evocar a etimologia) que ele traz, devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhes o seu significado aparente. [...]. É preciso começar a desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos.

4- Metodologia de análise:

O estudo das informações apreendidas teve como base a Análise de Discurso (AD), por meio da qual foi examinado o material textual, e as demais formas de discurso fornecidas pelos estudantes e demais sujeitos pesquisados, após a transcrição das entrevistas. A análise de discurso, utilizada neste trabalho, foi a de base na escola francesa, que teve nos anos de 1960 os primeiros registros de estudos neste campo, tendo como referência M. Pêcheux e se constrói não apenas com relação à Linguística, mas também como forma material de ideologia.

Na análise das informações foi considerado, não apenas aquilo que foi dito no momento específico de entrevista, ou que estejam nos documentos, mas, também, o que não foi dito, sempre relacionando com as questões sociais e históricas dos sujeitos envolvidos e como isso pode influenciar o discurso. Orlandi (2009, p.15) ressalta que a AD é o meio pelo qual se pode refletir sobre as relações dos sujeitos com a natureza, e a sociedade.

Pelo discurso, lugar de produção de sentidos e de processo de identificação dos sujeitos, podemos melhor compreender o lugar

de interpretação na relação do homem com a sua realidade. Por este tipo de estudo se pode conceber melhor aquilo que faz o homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se.

A Análise de Discurso, ao se fazer no entremeio entre Linguística e Ciências Sociais, não se especifica claramente um lugar no/de reconhecimento das disciplinas. O que lhe importa é sobretudo colocar questões para a Linguística no campo de sua constituição, interpelando-a pela historicidade que ela apaga, do mesmo modo que coloca questões para as Ciências Sociais em seus fundamentos, interrogando a transparência da linguagem, do sujeito e do sentido, transparência sobre a qual essas ciências se assentam (ORLANDI, 1999, p.54).

No exame das informações, destaca-se a importância de utilizar a Análise de Discurso, visto que os questionamentos não estruturados possibilitaram observar pontos além das palavras para traduzir de maneira mais fiel a forma como se dá a experiência de uma mobilidade acadêmica.

Michel Foucault (1996) ao tratar da construção do discurso, que pela ótica do autor é sempre controlada, selecionada e redistribuída de acordo com as relações de poder, afirma que as interdições no discurso revelam sua ligação com o desejo de poder. Dentro desta questão as entrevistas, examinadas à luz da análise do discurso traduziram questões além daquelas que, em um primeiro momento, o entrevistado revelou.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar (FOUCAULT, 1996, p10).

Os discursos obtidos foram categorizados de acordo com o bloco temático de que fazem parte, tendo em vista a múltipla experiência obtida pelos jovens e seus resultados no local após o fim da jornada internacional. O anonimato foi assegurado a todos e os discursos divididos em 3 categorias distintas:

- 1- Aprendizagens
- 2- Experiência pessoal
- 3- Desenvolvimento local

CAPITULO IV – UNINDO PRÁTICA E TEORIA: ANÁLISE DE RESULTADOS

Poder contar a história destes jovens que ganharam o planeta, contada a partir de suas palavras, foi desafiador, enriquecedor e gratificante. Ter a oportunidade de conhecer mais sobre o que estes sujeitos têm a dizer, e eles têm muito, suscitou reflexões sobre políticas públicas, sobre inclusão e universalização do ensino superior.

Compreender a importância de uma equação que une o mérito individual com o estímulo institucional, que pode alterar o *status quo* e fazer pessoas irem além do imaginado mostra-se crucial. Isto, todavia, foi possível em um período de plena expansão do ensino superior, cujo primeiro momento foi uma política de construção de novas universidades e o segundo foi o de fomento aos estudantes universitários poderem ter acesso a políticas e oportunidades para qualificar-se melhor.

O desafio foi tremendo e tendo como exemplo estes jovens, que quebraram barreiras e saíram de suas “zonas de conforto” para ganhar o mundo, me fez estagnar um pouco os estudos em comunicação e *web* para uma significativa dedicação a uma pesquisa sobre uma política pública educacional.

O ganho acadêmico e de conhecimento foi enorme e os benefícios incontáveis, mas as grandes diferenças entre as áreas de educação e comunicação criaram dificuldades e colocaram algumas interrogações na caminhada. O projeto, que teve início a partir do trabalho jornalístico na UFRPE, se encerra com a certeza dos bons frutos trazidos pelo Programa e que a junção do mérito com a oportunidade de uma boa educação é uma equação cujo resultado é positivo, não apenas para os estudantes, mas também para a localidade onde vivem.

Esta ideia de retorno do investimento educacional em algo em prol da comunidade surgiu com base nas gravações do Programa UFRPE no Mundo, pois alguns dos jovens, principalmente os entrevistados que estudaram na Unidade Acadêmica de Serra Talhada, relataram que toda a vida acadêmica, incluindo graduação, pós-graduação e mobilidade, teve como base pesquisas diretamente ligadas ao local, como por exemplo, estudo de plantas resistentes ao calor do sertão e com valor nutritivo para os caprinos.

Na análise do material coletado em entrevistas e nos documentos, percebe-se que existe, em geral, uma vontade de contar a história da experiência internacional, há, apesar das dificuldades, um orgulho por ter conseguido fazer algo que é o sonho de vida de muitas pessoas. Percebe-se uma necessidade em falar o que se passou e o discurso é, em primeiro momento, o de lembrar de uma memória afetiva agradável de ser contada e recontada inúmeras vezes. Mas, quando estimulados, os intercambistas não escondem as barreiras encontradas, desde a saída de casa, passando pelo período no exterior e, até, na volta ao Brasil. Sendo assim, a pesquisa permitiu compreender a complexidade que é uma experiência prioritariamente acadêmica, mas essencialmente, de vida.

Antes de conseguir o discurso dos sujeitos pesquisados, foi necessário passar pelo primeiro desafio: o de identifica-los. Não há, dentro dos registros da Universidade Federal Rural de Pernambuco o recorte específico entre urbano e rural, pois para fins oficiais, é válido o endereço fornecido e comprovado pelo estudante no ato de matrícula e este não é, necessariamente, vinculado à sua origem. Este primeiro obstáculo já é uma demonstração das dificuldades encontradas para identificação dos jovens com origem no meio rural, tendo em vista que para cursar em uma instituição de ensino superior, muitos saem do seu território de origem e outros colocam como residência, um local onde é possível ter acesso à correspondência.

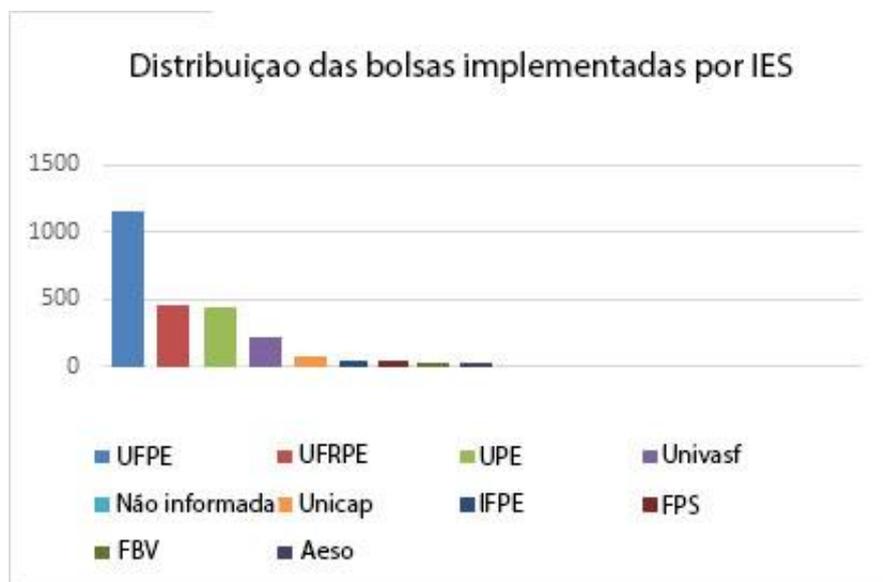
O discurso dos jovens reitera a importância de uma experiência complementar com uma completa inserção em outra cultura, sem o apoio familiar de uma forma mais próxima, tendo que o estudante passar por um processo de amadurecimento global para poder ter uma experiência bem-sucedida. O que foi relatado tanto nas entrevistas quanto nos relatórios de mobilidade trazem este aspecto da aprendizagem, algo que dialoga com Demo (2000) quando ele afirma que se trata de um processo de mudança de comportamento resultado de experiência que envolve múltiplos fatores, dentre os quais emocionais e ambientais. Neste processo, o próprio sujeito constrói a ressignificação do meio e daqueles que o compõem.

1- Perfil dos jovens participantes do Programa Ciências sem Fronteiras

O Programa Ciências sem Fronteiras foi a principal política pública de mobilidade no âmbito da UFRPE nos últimos 15 anos, respondendo por mais de 60% dos envios de estudantes ao exterior entre 2011 e 2015. Desta forma, a participação de jovens oriundos do campo era esperada, ainda que o teste de proficiência na língua do país de destino fosse uma barreira. Outros requisitos para a participação destes jovens no CSF eram a classificação mínima de 600 no Exame Nacional de Ensino Médio e ter concluído um mínimo de 20% e um máximo de 90% do curso de graduação.

Durante a vigência do Programa, a UFRPE foi a segunda instituição do estado de Pernambuco que mais enviou estudantes ao exterior, atrás apenas da UFPE (Gráfico 3). Dentre os anos de 2011 e 2015, CSF enviou, pelas universidades pernambucanas, mais de 2500 estudantes, demonstrando o amplo espectro alcançado pela política pública. Dos 456 estudantes enviados pela UFRPE, 311 (67%) foram de graduação e outros 145 (33%) dos programas de Pós-Graduação.

Gráfico 3: Bolsas implementadas pelo CSF em Pernambuco



Fonte: produzido pelo autor, 2019

Lustosa (2018) destacou em seus estudos sobre o tema que o grande diferencial do Programa foi estender a área de atuação para a graduação,

incluindo o ensino na questão da mobilidade internacional, antes mais focado em pesquisa e exclusivo das pós-graduações. Esta mudança abriu uma grande porta de possibilidades aos estudantes que puderam participar de algo então inédito e corrobora com os estudos de Libâneo (2005) cujo espectro é das adaptações da educação às novas condições do mundo.

Para fins desta pesquisa foi definido, antes do mapeamento dos estudantes, os critérios para considerá-los como oriundos do meio rural. Para serem classificados dentro do estudo eles tinham que ainda viver na zona rural ou que o seu ciclo familiar ainda vivesse no campo. Ciente das dificuldades de muitos estudantes em permanecer em suas residências para manter uma rotina na universidade foi estipulado que aquele cuja saída tenha sido justificada, pela vida acadêmica, ser mantido na classificação de rural.

Foram identificados 14 estudantes oriundos da zona rural, dentro do critério estabelecido. São estudantes que ainda vivem ou cujas famílias ainda permanecem no campo. Outros 22 se identificaram com familiares próximos vivendo no campo, mas vivem, essencialmente no meio urbano. Outros 30 informaram que eles e os pais sempre viveram na cidade, mas ainda contam com parentes no campo.

Figura 1: Identificação dos jovens rurais no CSF na UFRPE

Jovens Rurais	14
Jovens urbanos com parentes próximos em zona rural	22
Jovens urbanos com parentes diversos em zona rural	30
Total	66

Fonte: produzido pelo autor, 2019

A partir desses dados percebe-se que 4,3% dos participantes do Ciências sem Fronteiras têm origem na zona rural e 95,7% estão exclusivamente na área urbana. Ainda que remeta a uma alta concentração na participação destes discentes no Programa, o resultado mostra uma boa participação daqueles que vêm de zonas rurais. Percebe-se que há uma presença considerável do campo na vida de muitos estudantes da UFRPE. Ainda que 52 estudantes tenham se

identificado como urbanos, relataram a relação familiar com o campo e isso mostra que o laço com o rural se mantém.

Ao finalizar o mapeamento, foram feitas entrevistas com oito discentes, dentre os 14 classificados, sobre a experiência internacional. Todos aqueles identificados foram contatados para participar da pesquisa e contar a sua história e experiência no além-mar e a participação foi voluntária. Desta feita, a ida a campo foi realizada com os estudantes que se mostraram interessados em contar a sua história no Ciências sem Fronteiras. Por se tratarem de pessoas que não são de meio urbano, as entrevistas foram procedidas por meios eletrônicos, utilizando-se as mais diversas ferramentas para tal. Correio eletrônico, vídeo chamadas e aplicativos de mensagens foram utilizados para a promoção do encontro virtual com os discentes.

Pela impossibilidade do encontro presencial, foi dada preferência a entrevista por meio de vídeo chamada para manter o máximo de características da entrevista ordinária. Não sendo possível por esta ferramenta, a entrevista era realizada por aplicativo de troca de mensagens instantâneas por troca de áudios com perguntas e respostas. Como terceira opção, foi utilizado o correio eletrônico, com a troca de perguntas e respostas, para conseguir a entrevista. Durante todo o processo, um dos cuidados foi adequar as necessidades da pesquisa com a disponibilidade dos jovens para conseguir o maior número de dados.

Não obstante, após o período eleitoral, mais precisamente na primeira semana à definição da eleição presidencial, dois dos entrevistados, que são bolsistas da CAPES, solicitaram não participar mais da pesquisa. Ainda que o esforço tenha sido para que ambos não tomassem tal atitude, explicando sobre o anonimato e que não havia possibilidade de identificação deles, não foi possível dissuadi-los e os mesmos foram excluídos da análise de dados. Tendo este fato alterado a presença de dados na pesquisa, foi necessário voltar à campo para tentar conversar com outros jovens que não tinham mostrado interesse em dar entrevista e foi possível conversar com mais um participante do Programa, deixando a pesquisa com uma base de sete estudantes entrevistados.

Wanderley (2007) destaca que os estudos sobre a juventude oriunda de contextos rurais abordam o entendimento de uma dupla dinâmica social, que se

divide entre espacial e temporal. De um lado da balança estão a família, a localidade e a cidade e de outro o passado das tradições familiares com o futuro, traduzido na escolha das profissões. Isto dialoga com os resultados obtidos, pois ainda que as escolhas profissionais tenham forçado um êxodo de pessoas do campo para a cidade, a dinâmica social, de identificação com o espaço do campo ainda permanece.

Dois dados chamaram a atenção no mapeamento dos participantes do CSF: O primeiro foi o de que 12 dos 14 estudantes que se identificaram como rurais fizeram seus cursos no campus Recife e os outros dois na Unidade Acadêmica de Serra Talhada. Nenhum dos estudantes da Unidade de Garanhuns se proclamou como oriundo do campo. Com 18,6% do corpo discente feito por jovens vindos de área rural (SILVA, 2013), a Unidade Acadêmica de Serra Talhada teve cinco estudantes selecionados para o Programa, tendo dois deles declarado a origem, trazendo um resultado condizente com a presença geral no campus sertanejo.

Figura 2: Participantes do CSF por campus

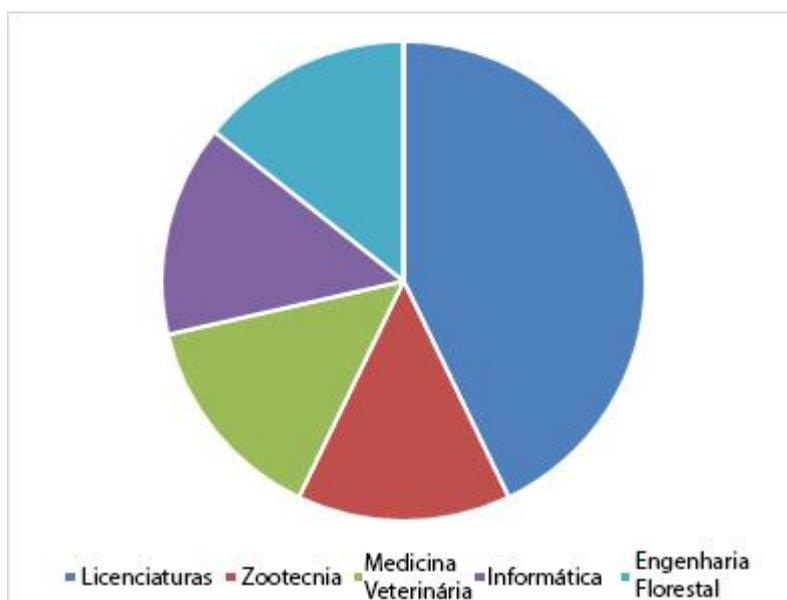
Local	Participantes do Programa CSF	Estudantes da zona Rural
Sede	311	12
UAG	11	0
UAST	5	2
Total	327	14

Fonte: produzido pelo autor, 2019

Dos 11 participantes do Programa, que estavam matriculados na unidade do agreste, todos se identificaram como urbanos, com alguns ressaltando contar com parentes no campo. Estes dados mostram um outro elemento que chama a atenção. 311 Estudantes do Ciências sem Fronteiras estudavam em Recife quando conseguiram acesso ao intercâmbio, o que representa 95% do total de discentes. Isto mostra uma alta concentração destes discentes na capital, mesmo com a política de interiorização das universidades públicas.

Ainda que estudos como os de Carneiro (2005), Guaraná (2007) e Abramovay (1998) demonstrem que os jovens do campo tendem a permanecer em sua localidade se tiverem acesso a possibilidades de estudos, os achados nesta pesquisa mostram uma tendência inversa que pode ser explicada pela escolha de cursos, pela estrutura da Universidade ou por possibilidades profissionais maiores na capital, algo que é destacado por Wanderley (2007). Destes doze jovens que vieram estudar no Recife, dois escolheram a área de informática (Bacharelado em Ciências da Computação e Bacharelado em Sistemas de Informação), quatro de Licenciatura (Química, Física Matemática e Ciências Biológicas), três Medicina Veterinária, outros 2 Engenharia Florestal e um em Zootecnia. Os jovens estudantes da UAST cursavam, à época, Bacharelado em Ciências Biológicas e Zootecnia (gráfico).

Gráfico 4: Cursos dos jovens do CSF



Fonte: produzido pelo autor, 2019

Algo comum aos entrevistados, e que também chamou a atenção, é que eles foram os primeiros das suas famílias a irem ao exterior, seja para estudos seja para turismo. Neste ponto o discurso dos jovens é, em geral, mínimo, pois para eles a falta de condições financeiras da família relata uma obviedade, sendo assim, em muitas ocasiões, as respostas foram um simples “sim”, quando questionados se alguém do ambiente familiar já tinha alguma experiência fora do Brasil. Peuceux (1997) trabalha com o conceito de análise de discurso como

prática social fazendo-se o exercício de observar como as coisas são ditas e não apenas o que é dito.

Desta forma, a síntese da resposta, apenas o SIM, diz mais que todo um discurso sobre o ineditismo deles em ir ao exterior. Para famílias que vivem no interior, que lutam para que seus filhos tenham uma vida digna, se preocupam primeiro, com as necessidades básicas e uma viagem internacional parece tão ou mais distante que os quilômetros que separam as cidades. Enquanto há um entusiasmo de se falar sobre a experiência acadêmica, existem, no outro lado da moeda, respostas curtas, monossilábicas para tratar sobre ser o primeiro a ir ao exterior. Orlandi (2009, p.13) trata deste não dito ao afirmar que “o silêncio é assim a respiração – o fôlego – da significação, um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido.”

Daenerys Targaryen (zootecnia, 5^o período) faz um raro relato mais completo de como era sua realidade antes do CSF.

Nunca pensei em sair de Paudalho⁷. [*Silêncio e suspiro*]. A vida sempre foi aquilo ali, aquele mundinho. Só que uma amiga minha foi para o Canadá e eu via as fotos e só pensava ‘seria bom se eu pudesse ir para lá. Já imaginou que bom?’. [...] Eu já fazia inglês, [...] então uma outra amiga minha, me perguntou porque não fazia o ⁸, então eu fiz e minha nota deu (*para entrar no programa*). Havia sempre o desejo, mas era algo que nunca imaginei que fosse acontecer.

Durante as entrevistas, não se percebeu irritação ou inquietude dos estudantes ao tratar do tema, mas sim um pragmatismo de quem bem conhece a realidade de vida na qual estava inserido até a época da participação no Programa. Como trata Wanderley (2007), os jovens rurais vivem uma realidade entrelaçada entre presente e futuro, uma ligação entre suas raízes e suas escolhas para a vida adulta. Entre o permanecer, mantendo a tradição familiar e tentar uma profissão existe uma lacuna de tempo curta para que esta juventude tome uma decisão de vida. Desta forma, é preciso ser prático, tendo em vista

⁷ Município do estado de Pernambuco localizado na Mata Setentrional, distante 37 km do Recife. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-paudalho.html>

⁸ O Test of English as a Foreign Language (**TOEFL**) ou Teste de Inglês como uma Língua Estrangeira é um exame que tem o objetivo de avaliar o potencial individual de falar e entender o inglês em nível acadêmico. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/como-funciona-o-toefl-o-teste-mais-reconhecido-de-proficiencia-em-ingles-ahica85i7w3cmbvdaotiq8br/>

que para os que vivem em regiões fora dos grandes centros não existem duas oportunidades de escolha e isso tende a explicar porque foram tão diretos na resposta sobre esta questão específica.

Ser o primeiro membro da família a quebrar a barreira das fronteiras do Brasil não é fácil, principalmente para um público tão ligado à família e ao local. Em geral, o discurso dos jovens é de apoio da família sem muitas ressalvas como relata *Ned Stark*⁹(Licenciatura em Física, 6º período): “Desde o início tive total apoio da família, uma vez que eu já era professor antes do programa e sei da importância dos estudos na vida de uma pessoa”. Este tipo de afirmação é recorrente e mostra que as famílias cujos filhos estão na universidade percebem na educação uma forma de transformação de vida, de mudança da realidade.

Apesar de viver em um sítio, em um distrito próximo ao município de Serra Talhada, localizado no sertão pernambucano, a educação sempre foi algo importante para a jovem *Brienne de Tarth* (zootecnia, 5º período): "a educação sempre foi algo importante em casa. Ainda que todos ajudassem no sítio, meus pais sempre prezaram pela ida à escola". Abramovay (1998), afirma que a educação é um dos aspectos que fazem o jovem permanecer ou não no campo e é exatamente isto que a jovem trata em seu campo de fala quando reitera que nem mesmo a realidade diária a afastou dos estudos.

O discurso da jovem *Brienne de Tarth* (zootecnia, 5º período) reforça a importância da UAST na mudança da sua vida e da realidade da região: "Se antes quem queria estudar precisava ir a Recife ou outro grande centro, hoje isso mudou, pois, as pessoas vêm para nossa região seja para trabalhar ou fazer o seu curso universitário". Isto dialoga com as observações de Carneiro (2005), para quem a educação é algo de muito valor tanto para aqueles que procuram um emprego mais qualificado, quanto para aqueles que querem fugir das atividades agrícolas.

Para estes jovens, o apoio do núcleo familiar é muito importante, pois eles passaram por uma inserção cultural e acadêmica inédita como mostra *Daenerys Targaryen* (zootecnia, 5º período):

Meu pai não gostou muito da ideia no início, pois era difícil para ele internalizar isso. Para ele, a família tinha que ficar

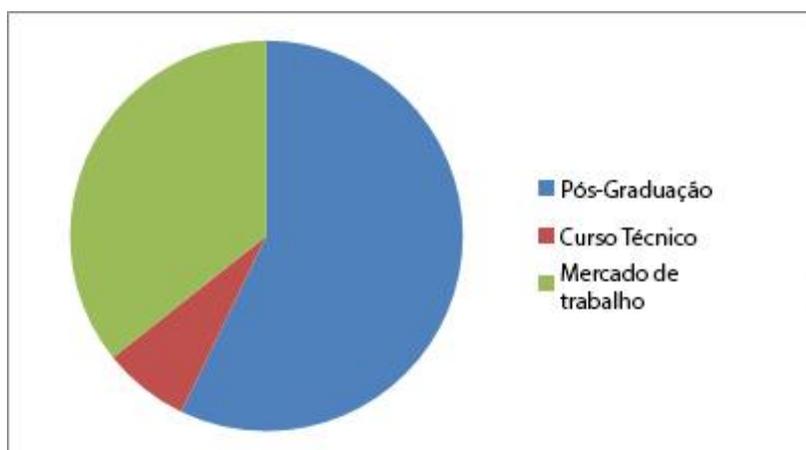
⁹ Os nomes são fictícios, a fim de preservar o anonimato dos entrevistados.

sempre por perto, mas tanto minha mãe quanto eu conversamos e mostramos porque era tão importante participar do Programa. Só aí, ele aceitou. Seria muito complicado viajar e ficar com a consciência pesada de deixar meu pai aqui sem aceitar completamente o que estava fazendo.

Quando questionados sobre o apoio familiar, o discurso dos estudantes só se prolonga quando há algum tipo de ressalva. O pragmatismo que lhes parece familiar se mostra novamente ativo, pois a redundância não está presente na fala deles. Neste caso, o pouco é tudo e seja analisando o discurso ou a linguística, ao se afirmar que “minha família me apoiou sempre” não se deixa margem para interpretações dúbias por ter sentido e os elementos necessários à sua compleição.

O jovem do campo, participante do Ciências sem Fronteiras, mostra-se pragmático e tem na educação uma possibilidade de transformação. Pelo fato do CSF exigir teste de proficiência em língua estrangeira, eles demonstram não pouparem esforços para ter uma formação mais complexa e completa, tendo que, para isto, depreender grande parte do seu tempo. A luta entre a realidade local e os anseios do futuro os move para mostrar sua capacidade em ultrapassar obstáculos, vencer barreiras e traspassar dificuldades. Para a maioria destes jovens, a educação é sua ferramenta de transformação e, após a graduação seguiram para Programas de Pós-Graduação (Gráfico 5):

Gráfico 5: nível de escolaridade dos jovens do CSF



Fonte: produzido pelo autor, 2019

2- O discurso dos jovens – as aprendizagens

Neste tópico foram tratados os dados sobre as aprendizagens dos estudantes durante o período que permaneceram no exterior participando do Programa Ciências sem Fronteiras. Tendo em vista as múltiplas influências dentro de um programa de mobilidade acadêmica, foram tratados os benefícios acadêmicos e pessoais, além de enumerarem algumas sugestões quanto ao que acreditavam ser importante mudar na política pública. Neste ponto, o discurso nas entrevistas se junta aos documentos da Assessoria de Cooperação Internacional. O Relatório de Mobilidade é de livre preenchimento, ou seja, o estudante escolhe primeiro, se deseja ou não escrever sobre a experiência e o quanto quer falar sobre isso.

Ramos (2009) em estudo sobre as motivações dos estudantes a participar de programas de mobilidade identificou que existem fatores acadêmicos e pessoais que se juntam a questões profissionais na escolha da experiência internacional. Ainda segundo o autor, há uma expectativa de dupla função ao se realizar uma estadia em uma universidade estrangeira. O documento da ACI exalta dois destes pontos. Dentro do espectro da aprendizagem (figura 3), encontram-se alguns pontos destacados com frequência pelos estudantes, como resume o quadro a seguir:

Figura 3: Aprendizagens acadêmicas

Aprendizagens acadêmicas	Conhecimento em língua estrangeira
	Conteúdos diferenciados
	Vivência prática
	Qualidade do ensino
	Imersão educacional
	Pensamento crítico sobre área de estudo

Fonte: Produzido pelo autor, 2019

Quando questionados sobre as motivações em participar do Programa, o discurso ainda não é muito longo, mas percebe-se uma mudança no tom de voz. O interdiscurso começa a se mostrar presente quando os entrevistados começam a dar mais peso ao que falam, trazendo um substrato mais consistente à sua fala, como destaca *Ned Stark* (licenciatura em física, 6º período):

Sempre tive esse objetivo de vida, de estudar fora do país, de adquirir novas experiências, novas culturas e poder observar formas diferentes de ensino-aprendizagem do qual estava acostumado e o programa Ciência sem Fronteiras foi a oportunidade.

Os jovens mostram um impulso em primeiro destacar que o aprendizado de uma língua estrangeira seria o grande motivo para participar do Ciências sem Fronteiras. Todos os entrevistados trazem este ponto em comum. “A oportunidade de viver durante 10 meses na França proporcionou uma aprendizagem e aperfeiçoamento do idioma”, destacou *Petyr Baelish* (Medicina Veterinária, 6º período), em seu relatório de mobilidade. Da mesma forma *Margaery Tyrell* (Engenharia Florestal, 5º período) valorizou este aprendizado em seu depoimento: “Durante o intercâmbio, também realizei 25 semanas de curso de inglês antes de entrar na universidade, o que me auxiliou na faculdade, uma vez que pude aprimorar muito o meu inglês”.

Tendo em vista que ao entrar para um programa de mobilidade, o aprendizado ou aperfeiçoamento da língua seja um dos motivos pelo qual fazer, além de representar o acesso à “cultura geral, de caráter universal, (...) intrinsecamente cosmopolita” (VIEIRA, 2007, p.6). A excelência em língua estrangeira é um requisito importante na evolução dos estudantes e profissionais brasileiros e o *status* de um aprendizado no exterior ainda é um diferencial.

O aprendizado da língua, durante a fala dos jovens, não é algo isolado. Ele aparece costumeiramente, aliado a outros pontos como a socialização, como ressalta *Tyrion Lannister* (Licenciatura em Química, 6º período): “Aprendi e aperfeiçoei novas línguas e não só a espanhola, por que fiz várias amizades com pessoas de outros países”. A aprendizagem de uma nova língua foi um elemento utilizado por muitos destes jovens para quebrar uma barreira comunicacional e os inserir de forma mais ampla no ambiente no qual estavam.

A produção acadêmica também foi destacada nesta qualificação linguística, conforme fala *Ellaria Sand* (Ciências Biológicas, 6º período): “Muitas disciplinas que cursei foram referentes à língua inglesa e estas me mostraram como redigir textos acadêmicos em inglês de forma mais coerente e fluida”. Com o interesse demonstrado por muitos em seguir na vida acadêmica, os estudantes investiram em melhorar e adequar a escrita científica, ampliando, assim, suas possibilidades acadêmicas. Além disso, há o destaque da possibilidade de estudos extracurriculares, como *Sandor Glegane* (Ciência da Computação, 4º período): “cursei chinês nos meus dois semestres nos EUA e comecei francês por conta própria e sempre tive amigos para jogar uma ou outra frase no idioma e ver se estava indo bem”. Este último ponto, reitera a tese de que estes jovens foram para o exterior para tirar o máximo proveito da experiência, sobretudo no processo de aprendizagem de outras línguas.

O discurso dos jovens reitera a importância que se dá ao estudo de línguas estrangeiras, algo muito requisitado no ambiente profissional atualmente. Percebe-se que a busca por uma formação mais completa no exterior é um dos objetivos perseguidos pelos discentes, não se limitando a mera questão de comunicação. O investimento em um segundo ou terceiro idioma está umbilicalmente ligado a uma questão de aprendizagem global, ultrapassando a questão acadêmica das disciplinas cursadas.

Minayo (2000) trabalha com o conceito que a análise de discurso objetiva refletir sobre as condições de como são feitos e absorvidos os textos e as falas para poder organizar o sentido daquilo que é transmitido. Os jovens intercambistas tratam de suas experiências com base em uma experiência de vida diferente, na qual lhes é imposta uma nova realidade social, cultural e acadêmica. Para muitos é a primeira experiência de viver só, de experimentar uma nova cultura e ter que enfrentar os desafios da educação sozinhos. Esta vivência reflete no discurso, no qual são apontados diversos fatores ligados à estrutura das universidades (figura 4) que os ajudaram a ter a oportunidade de usufruir de uma proveitosa experiência.

Figura 4: Infraestrutura das universidades

Infraestrutura das universidades	Estrutura
	Infraestrutura
	Acesso a laboratórios
	Bibliotecas disponíveis
	Plataformas digitais
	Tecnologias modernas
	Estrutura do campus

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019

O discurso reflete o orgulho de ter vivido e conseguido traspasar as barreiras e neste ponto deixa de ser uma história que foi um dia sonho e passou a ser uma realidade, uma mudança na vida acadêmica deles. Há um destaque importante para estrutura de algumas universidades, onde o estudante é imerso 24h no ambiente universitário, com bibliotecas e laboratórios disponíveis para manter os estudos sempre em primeiro plano.

Sandor Glegane (Ciência da Computação, 4º período) trata desta imersão como um dos importantes fatores da sua experiência:

As facilidades oferecidas pela universidade permitiam que eu dedicasse mais tempo aos estudos e atividades extracurriculares. Por morar em dormitórios, eu não perdia mais de 20 minutos com deslocamento para as aulas no *campus* mais afastado, incluindo andar até a parada, pegar o ônibus e descer no prédio. Nas aulas que eram no *campus* onde ficava o meu dormitório, eu levava 7 minutos para chegar.

No que diz respeito à experiência internacional, *Tyene Sand* (Medicina Veterinária, 5º período) relata que foi muito rica em relação à construção do conhecimento: "A estrutura da Universidade nos Estados Unidos é diferente. Morava no *campus* e tinha uma biblioteca aberta 24 horas, isso sem falar nos equipamentos de ponta que tinham nos laboratórios." A facilidade de acesso aos meios e instrumentos necessários para uma boa graduação é muito importante e se mostra um auxílio importante para que o estudante se concentre por mais tempo nos estudos.

Ao colocar o estudante inserido 24 horas por dia no ambiente universitário se permite que o mesmo possa passar mais tempo dentro de um centro de

ensino, pesquisa e inovação constante. Esta é uma diferença considerada pela estudante ao comparar a experiência no exterior com a sua realidade na UFRPE: "Precisava percorrer uma distância diária de 50 km desde que saio de casa, até a hora de voltar". O ponto chave da experiência na terra do *Tio Sam* foi a possibilidade de criar uma rotina de estudos e práticas, que ainda não são possíveis na UFRPE e ainda que haja um esforço da Instituição brasileira, a qualidade da estrutura para o ensino ainda é distante. Dourado, Oliveira e Santos (2007) afirmam que aspectos extra e intra escolares estão diretamente ligados à qualidade da educação e possibilitar uma infraestrutura adequada, aliada a técnicas de ensino inclusivas podem facilitar o processo de aprendizagem.

Além disso, percebe-se certo deslumbramento com a infraestrutura das universidades no exterior. Os estudantes reiteram sempre o acesso fácil a laboratórios, livros, periódicos e bibliotecas, assim como de disciplinas que contavam com mais de um docente. "O ponto mais positivo foi a oportunidade de usufruir da infraestrutura que a universidade me proporcionou. Aulas práticas frequentes, distribuição de material para os alunos nas salas de aula, laboratórios completos, biblioteca atualizada e com grande acervo", retrata *Arya Stark*.

A dedicação destes estudantes, seu esforço e sua proficiência na língua do país onde foram estudar favoreceu para que três deles fossem além do plano inicial da experiência no Programa, ao conseguirem estagiar com professores estrangeiros e um quarto estudante conseguiu um trabalho de monitor dentro de um museu. Isto mostra que o intercâmbio foi um verdadeiro investimento educacional e não um passeio financiado pelo dinheiro público. Estes jovens mostraram uma preocupação em fazer da experiência algo que lhes pudesse render o máximo possível, tendo em vista que se tratava de oportunidade única até então, como retrata *Tyrion Lannister* (Licenciatura em Química, 6º período):

[..] tive a oportunidade de ajudar dois professores como monitor deles, ajudando alunos a responder questões e ajudando no laboratório também. Os professores são muito atenciosos e tentam ajudar os alunos o máximo que podem dando tutoriais e exercícios. Aprendi muito com eles e acredito que eles tenham aprendido muito comigo.

Uma das críticas feitas ao CSF foi a de que os estudantes não precisavam trazer nenhum tipo de contrapartida ao Brasil quando retornassem. Apesar disso, os jovens oriundos do meio rural tem a necessidade de ressaltar o seu esforço em uma ação de afirmação pessoal, de seriedade quanto àquilo que teve a oportunidade de desfrutar. “Aprendi bastante e agora espero passar um pouco deste conhecimento adquirido para os meus professores, amigos e para a sociedade em geral”. Falas como esta de *Jorah Mormont* (Medicina Veterinária, 6º período) mostram a seriedade com a qual os jovens rurais da UFRPE encararam a possibilidade de participar de uma política pública como o Ciências sem Fronteiras. No local de falas destes jovens, há, em geral, a preocupação em tratar sobre o retorno à sociedade, ao local de onde eles tem origem.

Dentro da experiência de aprendizagem global, a fala dos estudantes reitera que até mesmo seus projetos na UFRPE foram influenciados pelo que aprenderam no exterior. “O estágio de 2 meses me possibilitou formular um pensamento crítico sobre meu objeto de estudo de manejo florestal”. O depoimento de *Catelyn Stark* (Engenharia Florestal, 5º período) se junta ao de *Ned Stark* (Licenciatura em Física, 6º período) que, ao sintetizar as influências ao participar de um programa de mobilidade, destacou que “outra influência foi o projeto de pesquisa, que desenvolvi lá sobre Astrofísica e quando retornei pude continuar com o professor Antônio Miranda. ”

A matriz curricular também é retratada pelos estudantes, que tratam o tema como forma de absorção de conhecimento, mas que levanta os primeiros pontos negativos quando não há a inovação suficiente por parte da universidade estrangeira. Os discentes demonstram um interesse elevado no tema, o que é natural devido à natureza da experiência na qual estão inseridos, então falas como a de *Myrcella Baratheon* traduzem bem este tipo de experiência: “Cursei disciplinas as quais não teria oportunidade de cursar na UFRPE, por existirem propostas diferentes na formação dos cursos”.

Dentro do discurso sobre os cursos em si existem muitas citações a “modos diferente de ensino”, “muitas aulas práticas”, “uso diferenciado da carga horária” e “diferente sistema de avaliação”, mostrando que os estudantes estavam atentos a todas as nuances oferecidas pelas instituições de ensino do exterior. O uso repetido destas expressões demonstra que uma cultura acadêmica diferente tem uma forma diversa de tratar a educação superior e

ainda que os assuntos obrigatórios sejam tratados, o foco dado a eles, termina sendo mais prático, mais voltado para que haja uma maior vivência dos estudantes com o que eles irão encontrar quando saírem do mundo universitário.

O destaque a estas diferenças se apresenta, enquanto discurso, como uma constatação, no primeiro momento, pois os estudantes saem com ideias e sonhos, mas empiricamente, o sistema funciona quando eles chegavam no destino e tinham pleno conhecimento da universidade recebedora. Enquanto na UFRPE, cursos com grades mais maleáveis vêm se tornando uma realidade de 2017 em diante, na Europa, os estudantes já encontraram de forma plena, como mostra *Ned Stark* (Licenciatura em Física, 6º período):

A principal diferença foi em relação à formação acadêmica. Aqui no Brasil, desde o início da graduação temos que escolher, por exemplo, entre bacharelado ou licenciatura com duração de cinco anos. Na Espanha a graduação é de três anos, só pagando disciplinas de Física e a formação é em Físico. Depois você pode fazer uma especialização de dois anos para ser licenciado ou bacharel.

Por outro lado, quando não há uma convergência entre expectativa e realidade, as críticas passam a compor o discurso e neste aspecto percebe-se certo ar de frustração, por, de alguma forma, desperdiçar a oportunidade. Ainda que o termo usado anteriormente seja forte e, na prática, não há um desperdício do intercâmbio ele é utilizado para dar uma maior ênfase ao que é dito, para mostrar que a decepção foi grande. "Infelizmente, meu curso no intercâmbio não teve uma proposta tão inovadora da minha realidade, como não era possível fazer estágio [...], restava-me assistir às aulas", lamenta *Sansa Stark* (Licenciatura em Matemática, 4º período)

O discurso, neste caso, foi pontual e, quando as expectativas não eram atendidas, as pontuações permearam mais no sentido de as disciplinas não serem diferentes das vistas na UFRPE. Mais uma vez, os discentes reforçaram o discurso de que estavam no intercâmbio para aumentar suas aprendizagens.

As matrizes curriculares foram outro ponto de destaque para os estudantes. Como há diferenças, algumas disciplinas não puderam ser aproveitadas na volta ao Brasil, contudo os discentes não se mostraram demasiadamente preocupados com isso, como conta trata *Brienne de Tarth*: "É uma pena pagar uma disciplina e não poder aproveitar o crédito quando

voltamos, mas valeu e fica como uma disciplina extra e como conhecimento adquirido".

Alguns, reafirmando o discurso do aprendizado global, afirmaram que escolheram disciplinas distintas, mesmo sabendo que elas não poderiam ser aproveitadas na UFRPE, como *Ellaria Sand* (Ciências Biológicas, 6º período): "um fator muito positivo que encontrei foi a liberdade de escolher disciplinas de outras áreas e não apenas de biologia, pois isso contribuiu para a minha interdisciplinaridade, além de ampliar minha visão."

Há de se destacar que para alguns estudantes, este não aproveitamento foi algo negativo na experiência como retrata a estudante: "um dos pontos que considero muito negativo é da pouca ou nenhuma compatibilidade entre as disciplinas cursadas no intercâmbio com as da universidade de origem, fazendo com que o aluno aproveite bem pouco da carga horária cumprida no intercâmbio."

Percebe-se, na fala de alguns, que o problema maior era o tempo, a carga horária. Sabe-se que para muitos jovens, o tempo dentro da universidade é crucial e há uma premente necessidade para conclusão dos estudos ou de suas fases, em caso de continuação e isto favorece esta pontuação.

Na sequência do discurso, o estudante reitera que "apesar de qualquer falha, foi um período de muito aprendizado e de valor inestimável. Muitos dos assuntos eu já tinha visto na UFRPE, mas foi muito rico poder revê-lo sob uma nova perspectiva." A dicotomia entre o pragmatismo e o anseio pela aprendizagem mostra-se evidente no discurso, tendo em vista que ao mesmo tempo no qual percebe um problema, desenvolve um pensamento para conseguir um ponto positivo para contrapor.

Outros, como *Ned Stark* (Licenciatura em Física, 6º período), aproveitaram para planejar os estudos e ter o máximo aproveitamento de conhecimento e poder dispensar algumas disciplinas quando houvesse o retorno: "dispensei, principalmente as optativas¹⁰, que pude cursar tranquilamente durante o intercâmbio." Este planejamento era individual e as escolhas feitas refletiram diretamente na experiência. Percebe-se na fala, que as escolhas não foram aleatórias.

¹⁰ As disciplinas que não constam no perfil do curso original do estudante não são optativas e sim eletivas.

Apesar de toda a motivação e vontade dos jovens rurais, algumas pontuações negativas foram citadas, sem, contudo, criar um ambiente desfavorável. Dentre o material coletado, cinco estudantes relataram dificuldades em acompanhar o ritmo das aulas e da transmissão de conteúdo, tendo dois deles relatado que não conseguiram concluir as disciplinas. O uso de termos como "infelizmente", "apesar de tentar acompanhar" e "ainda que o professor tenha sido fundamental para mim" podem ser destacados, pois os estudantes sempre almejam demonstrar que sempre houve esforço deles.

Academicamente, a experiência, a partir dos discursos, mostrou-se proveitosa e enriquecedora. Enquanto detentores do poder da narrativa, os jovens demonstram profundo cuidado em destacar os pontos que mais lhe foram importantes, sem esquecer, contudo, questões secundárias e aquilo que foi negativo. Martins (2016) trabalha com a ideia que os processos discursivos estão na fonte da produção dos sentidos e a língua é o lugar material onde se realizam os "efeitos de sentido". Neste aspecto, que se passa através do discurso, verificou-se que a experiência proporcionada pelo Ciências sem Fronteiras foi enriquecedora para os discentes e lhes trouxe um acúmulo de conhecimentos que proporcionarão novas experiências pessoais, acadêmicas e profissionais.

3- O Discurso dos jovens – Experiência pessoal

Não obstante, uma experiência de mobilidade acadêmica não se resume a salas de aula, laboratórios e bibliotecas. A partir deste ponto, as experiências pessoais, tão importante na formação global destes intercambistas, será o ponto chave de análise. Ao se pegar uma passagem para uma experiência no exterior durante alguns meses, o primeiro ponto que salta aos olhos é a adaptação. A questão climática, a cultural e o fato de ser, em certos momentos, um estranho no ninho, são barreiras ultrapassadas pelos jovens oriundos do meio rural durante a estadia.

Mas, antes de tratar da adaptação, um ponto é repetidamente tratado pelos estudantes:

Existe uma 'Daenerys' antes e outra depois do Ciências sem Fronteiras (*Daenerys Targaryen*, zootecnia, 5º período).

É impossível passar por uma experiência dessas e voltar o mesmo. Tudo aquilo que lemos nos livros e vemos nos filmes vira uma realidade diante dos nossos olhos. (*Ned Stark*).
Com certeza, foi a maior riqueza que guardo comigo, pois foram 12 meses longe da família, do conforto do lar. (*Petyr Baelish*).

A noção de mudança neles mesmo é perceptível e costumeiramente destacada, aliado a elementos mais palpáveis como a experiência acadêmica e necessidade de superação pessoal:

Rossi e Bertonecello (2007, p.8) tratam da importância da subjetividade na construção dos sujeitos quando afirmam:

[...], a subjetividade é construída na relação dialética entre o indivíduo e a sociedade e as suas instituições, sendo que estas relações são mediadas pelas emoções, pela linguagem e pelo pensamento que orientam o processo de subjetivação/objetivação.

Os jovens enquanto sujeitos em construção se inspiram em sociedades e culturas nas quais estão inseridos para formar um ser mais complexo no futuro.

Quando o discurso sobre os aspectos pessoais aflora, os estudantes tratam de trabalhar o enriquecimento cultural, o contato com pessoas de várias partes do mundo, a possibilidade e oportunidade de viver só e depender apenas de si para realizar todas as tarefas. Todo este *environment* é propício para que as sementes plantadas floresçam e se tornem flores em alguns anos. Este contato com pessoas de outras partes do mundo se mostra importante, pois as universidades possuem o costume de receber estudantes estrangeiros, que é em certa medida se ajudam.

Convivi com pessoas de várias etnias, tais como russos, japoneses, coreanos, entre outras. Isso foi excelente para o meu crescimento pessoal e cultural. O ponto negativo está relacionado com os australianos. Eles são educados e atenciosos, mas é muito difícil criar vínculo com eles.

O relato, que traz um ponto positivo e imediatamente o contrapeso, é trazido por alguns estudantes, trazendo à tona três pontos importantes. O primeiro é o de que os estudantes brasileiros tentam criar vínculos com os estrangeiros, algo peculiar em nossa cultura. A identidade do jovem está muito ligada aquilo que tem em sua rede pessoal e de conhecimento, então naturalmente tentam formar laços para entrarem no espectro social no qual estão

inseridos. O segundo é destacar que a comunidade intercambista mostra-se aberta a receber pessoas independentes da origem, o que nos leva ao terceiro ponto, que é a resistência da população local em estabelecer vínculo.

Dois estudantes, porém, relacionaram formas como os problemas pessoais atrapalharam no desempenho acadêmico. No caso de *Tyrion Lannister* (Licenciatura em Química, 6º período), o problema foi a língua, pois fez os testes em espanhol, mas as aulas eram em catalão, já no de *Sansa Stark* (Licenciatura em Matemática, 4º período), a dificuldade de se estabelecer em um local fixo a fez perder uma disciplina. No discurso de ambas, percebe-se a irritação e a frustração de ter uma falha na experiência. Para estes jovens, que tem na educação a possibilidade de transformação, não alcançar obstáculos pode lhes trazer mais barreiras.

Inseridos em uma sociedade onde a meritocracia e o exemplo vem tomando cada vez mais força e tem respaldo nas classes dominantes, como bem trata Foucault (2005, p.131) quando diz que “a verdade está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e a apoiam e a efeitos de poder que ela induz e a reproduzem” estes jovens precisam cometer o mínimo de falhas.

Sendo assim, compreendendo seu papel e a importância da experiência mostraram-se firmes no intuito de fazer valer a ida ao exterior, como trata *Sansa Stark*:

[...] não havia ninguém que me ajudasse. Quando consegui me encontrar, me ajustar, havia me perdido no conteúdo. Ainda assim segui na disciplina e apesar de contar com um professor organizado e solícito, não obtive a aprovação na disciplina. Contudo, ela me foi importante para me ensinar muito sobre didática e planejamento de aula.

4- Discurso dos jovens – O momento seguinte e o Desenvolvimento local

Tomando os jovens, a posição de protagonistas da própria história, o discurso é o de sempre seguir em frente. A eles não é possível desistir e além do mais, reiteram que há o desejo de realizar outras experiências no exterior. *Ned Stark* (Licenciatura em Física, 6º período) detalha que tem “um plano de

voltar ao exterior para fazer o meu doutorado. Acredito que possa me render uma grande experiência”. Quatro dos estudantes já voltaram ao exterior para estudar, sendo dois deles para Programas de Pós-Graduação no mesmo país onde ficaram no Ciências sem Fronteiras e os outros dois para realizar estudos técnicos.

Apesar de todo este apego à experiência internacional, estes jovens são muito ligados à sua origem e não se permitem esquecer de sua localidade. “É uma experiência muito rica e há a vontade de trazer as boas coisas de volta para o Brasil”. O relato de *Daenerys Targaryen* (zootecnia, 5º período) retrata o desejo destes jovens de desenvolver sua localidade. A sua forte ligação com o ambiente no qual vivem e se identificam, aliado à sua rede familiar, favorece a se pensar o desenvolvimento local, como destaca Vizer (2007, p.45):

Toda forma de organização social se (re) constrói a si mesma como um sistema complexo, sujeito à (re) produção (cultivo) permanente de seus elementos e da trama de relações de interdependência mútua entre os indivíduos que constituem a organização.

O discurso dos estudantes não demonstra ainda, ações macro e com resultados catalogados sobre como esta experiência no exterior resultou em ações de desenvolvimento local. Alguns, que ainda seguem os estudos, em suas falas reiteram que apesar de terem saído do campo para estudar, o campo não saiu deles. “Sempre estudei o bioma sertanejo e pretendo voltar à minha região quando concluir os estudos para aplicar o que tenho aprendido nestes anos todos de vida acadêmica”. Essa fala de *Brienne de Tarth* (zootecnia, 5º período) se assemelha a de *Daenerys Targaryen* (zootecnia, 5º período): “Infelizmente, ainda não pude fazer muito pela minha localidade. Voltei para o Kansas para fazer meu doutorado. A minha vontade é a de poder voltar para minha região e ter uma oportunidade de ajudar a minha casa”.

Complementando este raciocínio, a fala de *Petyr Baelish* segue na mesma linha.

Tive a oportunidade de estudar manejo e ter uma visão diferente sobre o tema, ainda não consegui transformar em ações efetivas para minha localidade. Ajudo com dicas e explicando formas de diferentes de se trabalhar, mas ainda não estou à frente de nada.

Neste sentido, percebe-se que ainda que não tenha sido implementado, ainda, um plano de desenvolvimento local nas regiões onde estes estudantes tem origem, há, dentro do discurso, a externalização do sentimento de buscar soluções para melhorar a vida de sua localidade, como destaca *Daenerys Targaryen* (zootecnia, 5º período):

O que posso dizer que fiz pelo local, foi orientar sobre formas diferentes de plantar determinados alimentos, e um ou outro ponto sobre saúde do solo, mas não acompanhei se as ações foram feitas, devido aos meus estudos fora.

Percebe-se um cuidado na formulação deste discurso sobre o local, um espaço de muita importância para estes jovens. “No exterior pude ter experiência em clínica (veterinária), na construção de diagnósticos e aprendi sobre novas espécies, mas não posso afirmar que consegui já trazer isto para o meu local”. A afirmação de *Tyene Sand* (Medicina Veterinária, 5º período) levanta a questão e a cobrança que estes jovens, às vezes, se impõem de tentar trazer aquilo que há de bom no exterior.

Ned Stark (Licenciatura em Física, 6º período), ao tratar dos benefícios ao local, trazidos pela experiência internacional destacou que “Trouxe muitos conhecimentos, além dos acadêmicos. Trouxe vários projetos que observei lá, para o meu bairro, como para doação de roupas e comida do qual faço parte”. Este discurso dialoga bem com o que Betti (2014) trabalha com relação aos pressupostos do Desenvolvimento Local. Para o autor, para que as ações de DL não sejam focadas exclusivamente no viés econômico, precisam ter cinco características ou pressupostos:

- a) base endógena da iniciativa;
- b) participação e protagonismo social no planejamento, implementação e avaliação de projetos;
- c) escala limitada e impactos sociais e ambientais controlados;
- d) geração de benefícios diretos à população local;
- e) afirmação cultural e interculturalidade a partir do encontro.

Pelo discurso do discente não há a percepção de haver agentes externos na ação, preenchendo, assim, o requisito da base endógena, afinal, a ação precisa ser de dentro da localidade para fora e a interferência de agentes externos impediria isto. O ator local se coloca no protagonismo da ação, trazendo ideias e formas de agir absorvidas no exterior, mas que foram adaptadas à

realidade local. A escala, como fica claro no discurso, é limitada ao bairro onde reside o estudante. O benefício é gerado na medida em que as doações são realizadas e podemos perceber a interculturalidade com a mistura de uma ação feita em outro país sendo adaptada a uma realidade local.

O jovem trata que além dos projetos que já implementa, na sua atividade docente e na sua vida pessoal sempre expõe sua experiência no exterior, buscando fazer comparações e trazendo para a realidade local formas diferentes de se agir. “Sempre estou compartilhando minha experiência do intercâmbio nas redes sociais, dando minha opinião para determinados temas que surgem, faço comparações, falo como era lá e como poderia ser feito aqui”, complementa *Ned Stark* (Licenciatura em Física, 6º período).

O Desenvolvimento Local é um processo longo e, tendo em vista que muitos dos estudantes ainda estão em formação, ter a oportunidade de encontrar duas ações realizadas por um mesmo intercambista tem uma importância muito grande, pois demonstra, em um curto período de três anos, que a semente plantada no exterior está rendendo frutos na zona rural de Pernambuco. Estes dados reforçam a identificação deles com sua origem, a sua preocupação em melhorar seu lugar e que há, por parte deles, um pensamento coletivo.

Vale destacar um elemento importante. O discente em questão também é um docente, então sua formação já estava mais completa, o que possibilitou as ações de DL destacadas na pesquisa. Percebe-se um desejo comum nos estudantes de trazer as boas práticas do exterior para sua região, mas muitos ainda tratam disso como algo distante, conforme trouxe *Tyrion Lannister* (Licenciatura em Química, 6º período): “O contato com o ‘novo mundo’ proporciona uma visão de país ideal, que sonhamos para o Brasil”.

O sonho que os jovens retratam no início quando falavam no fato de não imaginarem ser possível estudar no exterior, se mostra novamente quando se trata de ações voltadas para o futuro da localidade. Se com o óbvio eles demonstram um pragmatismo e conscientes de uma dura realidade, quando há o questionamento sobre aquilo que eles podem vir a fazer, a percepção é a de que existe um certo tom de frustração quando expressões como “ainda não consegui converter isso para comunidade” e “não trouxe ainda estes benefícios para o local”, por exemplo. Dentro da realidade do mundo globalizado, este interesse, esta luta pela localidade foi o que fez surgir o conceito de

Desenvolvimento Local, tendo por base uma agenda propositiva, ainda muito presa no discurso dos jovens rurais do que na efetiva ação. Essa agenda se liga com o protagonismo assumido pelos jovens na medida que fogem do cotidiano da realidade local em mais um componente da equação.

Outros, na busca deste protagonismo social retratam que sempre dividem a experiência que tiveram, exemplificando as diferentes formas de encarar as questões e outros tipos de soluções que não aquelas tradicionalmente tomadas. Milani (2005) relaciona o DL com uma transformação consciente da realidade local, conceito sobre o qual Fagundes e Fagundes (2018) adicionam que é um processo orientado pelas necessidades e vontades de atores locais. Percebe-se que estes jovens, que buscam o protagonismo de sua realidade se encaixam nestas características necessárias para a promoção do DL.

Este tipo de discurso encontra em Orlandi (2009) uma base na medida em que a autora trabalha com essa relação entre homem, natureza e sociedade. A melhor compreensão da interpretação do homem com sua realidade permite compreender aquilo que faz o homem um ser especial dentro de sua capacidade de significar e significar-se. Neste sentido, as falas ganham mais sentido na busca pela significação das conquistas no campo educacional e como isto tem importância não apenas pessoal, mas comunitária.

Essa busca pela mudança, que fomentam ações de Desenvolvimento Local liderado por jovens encontra em Beduschi Filho (2006, p.13) aporte, quando o pesquisador trabalha a ideia de que “A juventude leva consigo o ‘germe da mudança’. Espera-se dela uma atitude contestadora, provocada pelo inconformismo, que pode desencadear processos de mudança social”, pois vindo de uma realidade amplificada pela experiência internacional, estes jovens podem servir de elo de ligação do global com o local. Eles são agentes endógenos que saíram do local, sem que o local saísse deles.

Entendendo que os sujeitos, sendo seres sociais, não estão isolados e sofrem influências e pressões de várias formas. A construção social, a forma de encarar o mundo, de assimilar o popular, o erudito e o cotidiano, além de outras formas de conhecimento pelos discursos dos quais são receptores, é um elemento que os faz dar novo sentido no discurso do qual eles são emissores. As suas ideologias são transformadas em ideias conexas, que reproduzem toda uma forma particular de ver o mundo, no caso deles empiricamente, e de fazer

as ligações necessárias com sua realidade local e possuindo a fala como elemento de sustentação para esta identidade (ORLANDI, 2009).

Pelo discurso, percebe-se que o Ciências sem Fronteiras, aflorou nestes jovens o ideal de protagonismo, latente quando trazem suas falas, ainda que não seja sempre literal. As limitações sociais, as imposições de uma realidade são traspassadas por eles, que assumem para si uma responsabilidade de carregar a alcunha de desbravadores, de rompedores de barreira, ainda que involuntariamente. O amadurecimento e a percepção de mudança pessoal, ressaltada pelas falas, são uma grande conquista da experiência e esta transformação dos indivíduos é refletida em suas visões e ações.

Sendo assim, é compreensível o discurso daqueles que ainda não conseguiram transformar as palavras em ação concreta. Sobre eles pesa a responsabilidade de serem diferentes, por terem ido além, e de ter que mostrar que aquela localidade, de fato, ainda pertence efetivamente no sentido de identidade destes jovens. A palavra dita, justificada, não apresenta um vazio de um discurso pronto, mas uma necessidade de mostrar que aquilo que está gravado na sua formação não está esquecido.

Ainda que, numericamente, pareça um resultado pequeno, os achados da pesquisa demonstram que o Ciências sem Fronteiras era detentor de um grande potencial para reverter o intercâmbio acadêmico em melhorias locais. O Programa surgiu com o intuito de fomentar o estímulo à ciência nos jovens estudantes brasileiros com oportunidades de estudos fora do Brasil e com seu perfil abrangente possibilitou que todos os tipos de estudantes pudessem participar.

A relevância qualitativa do achado é mais importante, neste primeiro momento, que a quantitativa. Conseguir perceber que a vivência em uma outra cultura tem o poder de fazer micro transformações demonstra que políticas como esta ultrapassam seus objetivos normatizados em leis. A frieza dos números não é capaz de traduzir a forma como uma ação é importante do ponto de vista social, pois o registro, puro e simples, se perde no tamanho estatístico de uma política de alcance nacional. Não consegue, por exemplo, mensurar como esta ação impacta e influencia os demais a tomar algum protagonismo em outras ações ou até mesmo o nível de satisfação em poder ser alvo de uma ação benéfica.

O fato de as primeiras ações de Desenvolvimento Local surgirem com base em experiências pessoais e não nas acadêmicas não surpreende totalmente, tendo em vista que as primeiras por terem uma influência direta sobre a forma de agir e encarar o mundo, possibilita um menor intervalo de tempo para que algo aprendido seja tão logo implementado. Academicamente a influência é refletida, primeiro, nos estudos e trabalhos desenvolvidos e, em um segundo momento, geralmente, é que se externaliza de forma mais contundente.

A percepção sobre o poder da educação é vista pelo currículo acadêmico destes estudantes. Dos 14 participantes 8 ingressaram em programas de Pós-Graduação, 1 fez curso de aperfeiçoamento e os outros cinco, seguiram direto para o mercado de trabalho. O resultado mostra que 64% deles buscou seguir para uma melhor formação, enquanto 36%, escolheu seguir direto para o trabalho formal. Dentre os que escolheram pós-graduação, cinco estão como mestrandos, três concluíram mestrado e um já iniciou um doutorado. Desta forma, pode-se vislumbrar que as ações de Desenvolvimento Local ainda estão por vir, trata-se, afinal de um investimento de longo prazo.

No momento em que alguns resultados começaram a surgir, o CSF foi descontinuado pelo Governo Federal fechando uma importante porta não apenas para estudantes de graduação e pós-graduação, mas principalmente para o Brasil, que deixa de ter uma política pública educacional que qualificou mais de 100.000 discentes nos seus pouco mais de quatro anos de duração.

Muitos dos benefícios que o Programa trouxe ainda estão por vir, tendo em vista que boa parte destes jovens ainda seguem estudando e se qualificando para construir uma sociedade melhor, não apenas para si, mas para todos. Observar esta gradual mudança é processo contínuo cujo início foi dado em 2011, mas com suas derivações ainda não completamente conhecidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Poder contar a histórias dos jovens rurais participantes do Programa Ciências sem Fronteiras foi uma aventura e tanto. Puder observar, conversar e compreender o que significa dar um enorme passo, jamais imaginado por muitos, foi gratificante na medida em que a fé em acreditar no esforço com oportunidades mostrou-se viável. Perceber na fala e nos trejeitos destes jovens toda a vontade de contar sobre uma experiência única, que os transformou tanto, mostrou o poder que tem a educação.

Neste trabalho, o discurso foi o elemento utilizado para traduzir algo que é maior que palavras. Nem mesmo a mais perfeita tradução de palavras pode traduzir perfeitamente o que foi esta experiência para eles e como isso os transformou e tem potencial de promover mudanças significativas nos locais onde eles vivem. O recorte temporal, durante o qual o Programa foi vigente construiu uma unicidade de pensamento em volta do tema e foi possível centrar os discentes nas questões fundantes da experiência.

Estes jovens puderam durante alguns meses viver o sonho de uma vida e se transformarem em protagonistas da própria história e entre o deslumbramento e a vontade de mudar de vida, há o orgulho e, principalmente o amadurecimento desta juventude, que passou a influenciar outros a seguirem para o exterior estudar e influenciou a própria realidade, voltando para o além-mar seguir a formação educacional.

Procurou-se identificar e saber quem eram estes jovens com origem rural e que foram estudantes da UFRPE entre 2011 e 2015. Estes sujeitos deixaram de ser um cadastro, para ser uma voz, uma referência. A juventude, que tanto busca seu espaço dentro da sociedade do patriarcado, mostrou sua capacidade de adaptação e de independência e se mostram como referência para outros, mas sempre em uma posição paridade.

Com o avanço do CSF e o aumento no número de bolsas concedidas, muitos jovens seguiram o exemplo dos que tinham ido e romperam barreiras e pode-se depreender, dentre o exposto, que a experiência foi global, abrangendo uma gama de conhecimentos acadêmicos, importantes na formação da

graduação, mas também de enriquecimento pessoal, com tantas experiências sociais e culturais a que eles foram submetidos. O sentimento de “quero fazer de novo” é muito latente e demonstra que ações afirmativas como a do CSF, quando bem elaborada, reflete em um ganho inestimável para o país.

O desenvolvimento dos jovens é notório. Além de se apropriarem com mais propriedade de um idioma, de terem acesso a bibliotecas, laboratórios e conhecimentos diferenciados, conseguiram também, ir além para conseguir vagas de monitoria, de estágio e experiências mais práticas e próximas a realidade do trabalho que visavam exercer após os estudos. Um dado colhido na pesquisa, é que mesmo sem existir uma obrigatoriedade de contrapartida destes estudantes na volta, os mesmos mostraram um grande esforço para ir bem nas disciplinas, na busca de fazer valer a experiência da forma mais rica possível.

Observou-se que as ações de desenvolvimento local ainda estão para surgir de forma mais efetiva, mas já mostram alguns resultados. Este era o achado mais difícil de ser encontrado e conseguir catalogar algumas ações neste sentido serviram para observar que o ciclo da política pública se renova com o investimento feito no estudante tem retornado para a comunidade. Tão importante quanto observar, através do discurso, a satisfação de poder retribuir a oportunidade que foi dada ao jovem é perceber que outros seguem no mesmo caminho.

Pode-se concluir que o Programa Ciências sem Fronteiras foi responsável por realizar uma transformação pessoal nos jovens oriundos de contextos rurais da UFRPE e que tem começado a repercutir localmente. A inserção deles em um ambiente externo, longe das influências a que eles estavam habituados, os forçou a tomar a iniciativa e de serem proativos para, além de viverem bem, poderem usufruir de uma experiência positiva.

A efemeridade dos anseios políticos e dos discursos para agradar o eleitorado colocam muitas vezes políticas públicas importantes em segundo plano e o Ciências sem Fronteiras foi alvo disto. A frieza da quantificação e da não priorização da educação foram armas poderosas no desmantelamento do CSF, mas a força da educação resiste e os benefícios ainda surgem e com o tempo o erro que foi acabar com o Programa ficará mais latente. As ações dos

jovens e o discurso sobre a experiência serão a bandeira do CSF nos próximos anos.

No país onde o discurso do mérito, onde este é independente de qualquer circunstância, o Ciências sem Fronteiras mostrou que o mesmo é sim fundamental para uma mudança de vida. Todavia, enquanto seres sociais vivendo em sociedade, nada é isolado, nada é totalmente independente e a existência de um agente que possibilitou o real exercício do mérito, mostrou que a soma de fatores faz as alternativas surgirem e a realidade poder ser modificada.

A soma da experiência internacional destes jovens, com sua vontade de transformar suas realidades serão o maior eco de resistência que o Ciências sem Fronteiras poderia ter o elemento de legitimação do Brasil para uma verdadeira cooperação educacional e científica nas universidades, mas as escolhas políticas terminaram por nos isolar mais uma vez. O CSF, todavia, ecoará por muito tempo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. et al. **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: Unesco, 1998.
- ALVES, Cecília Pescatore; COBRA, Cristiane Moreira. **Políticas Públicas de Educação no Brasil: possibilidades de emancipação?**. Revista Gestão e Políticas Públicas. vol. 3. 132-151, 2013. São Paulo, 2013.
- AMORIM, Celso: **Perspectivas da Cooperação Internacional**. In: MARCOVITCH, Jacques. (Org). **Cooperação Internacional: Estratégia e Gestão**. São Paulo: EDUSP, 1994
- ANDRADE, Silvana Luna de. **Desenvolvimento local, agricultura familiar e povos tradicionais : uma análise em torno da assistência técnica e extensão rural no estado de Tocantins**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2015. 101 f.
- AQUINO, Saulo Brandão de. **Estudo da internacionalização em uma universidade brasileira baseado em mobilidade acadêmica, aspectos institucionais e cenários externos: o caso da Universidade Federal da Bahia / Bahia**. Universidade Federal da Bahia. Dissertação de Mestrado (Escola de Administração), 2016. 125 f.
- AQUINO, Ítalo Souza e AQUINO Itiel Souza. **Análise sobre a forma da escrita de palavras-chave em artigos científicos na área de ciências agrárias publicados no período de 1999 a 2011**. Revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 18, n. 37, p. 227-238, mai./ago., 2013. ISSN 1518-2924. DOI: 10.5007/1518-2924.2013v18n37p227.
- BACATTINI, Giacomo. **O Distrito Marshalliano: uma noção socioeconômica**. In. BENKO, Georges; LIPIETZ, Alain (orgs.). **As regiões ganhadoras. Distritos e Redes: os novos paradigmas da geografia econômica**. Portugal: CELTA Editora LDA, 1994.
- BALL, S. J. **Education policy and social class: the selected work of Stephen J. Ball**. London: Routledge, 2006.
- BALL, S. J. **Sociologia das políticas educacionais e pesquisa crítico-social: uma revisão pessoal das políticas educacionais e da pesquisa em política educacional**. Currículo sem Fronteiras. v. 6, n. 2, p. 10-32, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss2articles/ball.pdf> ; Acessado em: 06/01/2018
- BARDIN, L. (1997) **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70.
- BEDUSCHI FILHO, Luiz Carlos. **A juventude rural e os desafios do desenvolvimento local**. Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Revista Marco Social. P 1-4. 2015. São Paulo.
- BENKO, Georges.; LIPIETZ, Alain. (orgs.). **As regiões ganhadoras. Distritos e redes: os novos paradigmas da geografia econômica**. Oeiras: Celta, 1994.

BENTO, Antônio. **Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas**. Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira), nº 65, ano VII (pp. 42-44). Portugal, 2012. ISSN: 1647-8975.

BETTI, Patrícia. **Turismo de base comunitária e desenvolvimento local em unidades de conservação: estudo de caso na área de proteção ambiental de Guaraqueçaba e no Parque Nacional do Superagüi, Guareçaba – Paraná**. Dissertação de mestrado. UFPR. Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Curitiba, 2014. 195 f. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/37153/%20-%20D%20-%20PATRICIA%20BETTI.pdf?sequence=3&isAllowed=y>

BRASIL. CASA CIVIL. Presidência da República. **Constituição Federal**. Brasília. 5 De outubro de 1988.

BRASIL. **CIÊNCIAS SEM FRONTEIRAS**. Ministério da Educação Portal Institucional. Brasília, 2010. Disponível em <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/objetivos> > Acesso em 12/10/2016.

BRASIL. **CIÊNCIAS SEM FRONTEIRAS. FULLBRIGHT BRASIL IIE**. Portal Institucional. Brasília. 2016. Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/iie> Acesso em 23 de agosto de 2017

BRASIL. FUNDAÇÃO CAPES. Ministério da educação. **Capes divulga números referentes ao Ciência sem Fronteiras**, Brasília, 2016. Disponível em < <http://capes.gov.br/> > Acesso em 16 de outubro de 2016

BRASIL. Lei 12.852. 05 de agosto de 2013. **Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE**. Brasília 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm Acesso em 15/12/2017

BRASIL. Lei 13.005/2014. 25 de junho de 2014. **Estabelece o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. PNE 2004-2014**. Brasília, 2014. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm > , Acesso em 23 de junho de 2017.

BRASIL . Lei 11.129. **Institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem; cria o Conselho Nacional da Juventude – CNJ e a Secretaria Nacional de Juventude; altera as Leis nºs 10.683, de 28 de maio de 2003, e 10.429, de 24 de abril de 2002; e dá outras providências**. Brasília 2005. Acesso em 23/08/2017

BRASIL. Lei 9.394/1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. LDBEN**, Brasília, 1996. Acesso em 27 de julho de 2017.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Análise sobre a expansão das universidades federais de 2003 a 2012**. Brasília, 2012. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/> > . Acesso em 23 de outubro de 2016.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **A democratização e expansão da educação superior no país 2003 –2014**. Brasília, 2015. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16762-balanco-social-sesu-2003-2014&Itemid=30192

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 2013. Disponível em < http://portal.mec.gov.br/ Acesso em 13/10/2016.

BRITO, Talamira Taita Rodrigues, CUNHA. Ana Maria de Oliveira. **Revisitando a História da Universidade no Brasil: política de criação, autonomia e docência**. Revista Aprender. Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação. Ano VIII, p. 43-63. 2009, Vitória da Conquista. Disponível em: http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/4260/pdf_231

BOURDIEU, Pierre. **A “juventude” é apenas uma palavra**. In: BOURDIEU, P. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. **Metodologia qualitativa e método clínico qualitativo: um panorama geral de seus conceitos e fundamentos**. Unicamp, 2013.

CAPORAL, Francisco Roberto. **Superando a Revolução Verde: A transição agroecológica no estado do Rio Grande do Sul, Brasil**. Agriazul, Porto Alegre 2003. Disponível em: http://www.agirazul.com.br/artigos/caporal1.htm#_ftn1

CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni Branco (Orgs). **Retratos da juventude brasileira**. [s.l.]: 1ª ed., 2005, p. 243-261.

CARNEIRO, Maria José. **Juventude Rural em Perspectiva**. São Paulo. Ed. Mauad, 2007.

CARVALHO; Daniela Moreira de. **Associação e desenvolvimento local: um estudo de caso na associação dos produtores de leite de Águas Belas/PE**. Revista Eletrônica de Administração, Pernambuco: READ Recife, v. 12, n. 6, novembro, 2006.

CASTRO, Elisa Guaraná de, et al. **Perfis dos jovens participantes de eventos dos movimentos sociais rurais: construções de um ator político**. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, Recife - Pernambuco, 2007.

CASTRO, Elisa Guaraná. **Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político**. Revista latino-americana de Ciências Sociais Niñez, volume 7, nº 1. Manizales, Janeiro/Junho 2009. Primeira versão recebida em primeiro de outubro de 2008; versão final aceita em setembro de 2008. Disponível em

http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2009000100008 ; . Espanha, 2009. Acesso em 28/10/2017

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Vencendo a invisibilidade. Os Jovens estão indo embora? Juventude rural e a construção de um ator político**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **PNRA e juventude rural : 30 anos depois – balanço e apontamentos em um contexto de ruptura institucional**. Retratos

de Assentamentos. V.19. n.2. p. 98-124. São Paulo 2016. Disponível em: <http://retratosdeassentamentos.com/index.php/retratos/article/view/240/215>
Acesso em 05/03/2018

CELLARD, André. **A análise documental**. In: POUPART, Jean et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. (Coleção Sociologia).

CEZAR, Iêda Litwak de Andrade. **Cultura gastronômica e folkcomunicação: A culinária dos festejos juninos do Alto do Moura no Município de Caruaru - Pernambuco**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (POSMEEX). UFRPE. Recife, 2013. 110 f

DIAS SOBRINHO, José. **Universidade e novos modos de produção, circulação e aplicação do conhecimento**. Revista Avaliação (Campinas), vol. 19, nº 3, Sorocaba, 2014. Recebido em 3 de junho de 2014, aprovado em 31 de julho de 2014. São Paulo. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772014000300007; Acesso em 6 de julho de 2017.

DOS SANTOS, Renata Conceição. **Os caminhos da internacionalização universitária: O caso da UFRB**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017. 167 f.

DOURADO, L.F.; OLIVEIRA, J.F.; SANTOS, C.A. **A qualidade da educação: conceitos e definições**. Série Documental: Textos para Discussão, Brasília, DF, v. 24, n. 22, p. 5-34, 2007.

DURHAM, Eunice R. **Evolução do ensino superior brasileiro**. Núcleo de Pesquisas sobre o Ensino Superior da Universidade de São Paulo. 2014. São Paulo. Disponível em: <http://nupps.usp.br/downloads/docs/dt0303.pdf> Acesso em 08/07/2017

FAGUNDES, José Paulo; FAGUNDES, Lisandra Zorzella. **O Desenvolvimento Local e a Economia Sustentável: Estudo de caso de uma cooperativa**. VI Simpósio da Ciência do Agronegócio. Serviços Ecosistêmicos do agronegócio. Faculdade de Agronomia, UFRGS. 25 e 26 de outubro de 2018.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo. Eduções Loyola, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. Editora Atlas. São Paulo. 2002

Franco, Augusto, 1998. **Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável Dez Consensos**. Nº 78, Set/Nov. Proposta, Brasília.

GRUBITS, S., NORIEGA, J. A. (Orgs.). **Método qualitativo: epistemologia, complementariedades e campos de aplicação**. São Paulo: Vetor Editora, 2004

GROPPO, Luis Antonio; MARTINS, Marcos Francisco. **Introdução A Pesquisa Em Educação**. 2ª edição. Biscalchin Editor. São Paulo, 2006.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2014. Brasília, 2014. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6777/1/Nota_n22_pnad_2014.pdf

Acesso em 26/07/2016

HANSEN, D. L. **Educação e desenvolvimento local**. In: FALCÓN, M. L. de O.; HANSEN, D. L.; BARRETO JÚNIOR, E. R. (Orgs.). Cenários de desenvolvimento local: estudos exploratórios. v. 1. Aracaju: Secretaria Municipal de Planejamento, 2003.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. **Censo da Educação Superior 2013**. Brasília, 2015. Disponível em < <http://portal.inep.gov.br/censo-da-educacao-superior.pdf>. Acesso em 19 de outubro de 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. **Censo da Educação Superior 2016**. Brasília, 2017. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2016/apresentacao_censo_educacao_superior.pdf Acesso em 15/02/2018.

JESUS, Paulo de. **Desenvolvimento Local** in: CATTANI, Antonio David (org). A outra Economia. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

KESSLER, Gabriel. **Estado del arte de la investigación sobre juventud rural en América Latina**. Universidad Nacional de General Sarmiento. Buenos Aires, 2005. Disponível em: [http://www.minagri.gob.ar/new/0-0/programas/prodernea/publicaciones/Genero_y_Jovenes/Estado%20del%20arte%20de%20la%20investigaci%C3%B3n%20sobre%20Juventud%20Rural%20\(Gabriel%20Kessler\).PDF](http://www.minagri.gob.ar/new/0-0/programas/prodernea/publicaciones/Genero_y_Jovenes/Estado%20del%20arte%20de%20la%20investigaci%C3%B3n%20sobre%20Juventud%20Rural%20(Gabriel%20Kessler).PDF)

KNIGHT, Jane. **An Internationalization Model: Responding to New Realities and Challenges In World Bank Higher Education in Latin America The International Dimension**. Ed. World Bank. Washington 2005.

LAVILLE, C. e DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: editora UFMG, 1999.

LIMA, Manolita Correia; CONTEL, Fábio Betioli. **Fases e motivações da internacionalização da educação superior brasileira**. Grenoble: Anais do 5º Congresso do Instituto Franco-Brasileiro de Administração de Empresas (IFBAE), maio/2009

LE GOFF, Jacques. **Documento/monumento**. In: FONSECA, Thaís N. L. (orgs.). História e Memória. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 525-541.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2005.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUSTOSA, Geyza Leyde Camello. **Avaliação da política pública do Programa Ciências sem Fronteiras na formação dos estudantes da Universidade Federal Rural de Pernambuco**. Dissertação de Mestrado. Programa de Mestrado Profissional em Gestão Pública para o desenvolvimento do Nordeste. UFPE. Recife, 2018. 120 f.

- MALUF, R. S. **Atribuindo sentido(s) à noção de desenvolvimento.** Estudos Sociedade e Agricultura, n. 15, p. 53-86, 2000.
- MANZINI, Eduardo José. **Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um Programa de Pós-Graduação em Educação.** Revista Percurso. Vol. 4, n. 2, p.149-171. 2012. Maringá. Disponível em: <https://edisdisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=1626622> 14/02/2018
- MARTINS, Rafael D'Almeida; VAZ, José Carlos and CALDAS, Eduardo de Lima. **A gestão do desenvolvimento local no Brasil: (des)articulação de atores, instrumentos e território.** *Rev. Adm. Pública* [online]. 2010, vol.44, n.3, pp.559-590
- MARTINS, Natham Ribeiro; THOMAZI, Áurea Regina Guimarães. **Gestão social e desenvolvimento local: princípios, conceitos e possíveis relações com o Terceiro Setor.** Revista Tecer. Belo Horizonte vol. 7 , nº 1 2 , maio de 2014. P. 15-22
- MINAYO, Maria. C. S (Org.): **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 80 p.
- MILANI, Carlos. **Teorias do Capital Social e Desenvolvimento Local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil).** In: Capital social, participação política e desenvolvimento local: atores da sociedade civil e políticas de desenvolvimento localna Bahia. Escola de Administração da UFBA (NPGA/NEPOL/PDGS). 2005.
- MOLINA, Mônica Castagna; FREITAS, Helana Célia de A. **Avanços e desafios na construção da Educação do Campo.** Em Aberto, Brasília, v.24, n.85, p.17-31, abr.2011.
- MOROSINI, Marília Costa. **Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior –Conceitos e práticas.** Educar, Curitiba, n. 28, p. 107-124, 2006. Editora UFPR. P. 107-124.
- NOMERIANO, Aline Soares; MOURA, Severina Mártir Lessa de; DAVANÇO, Sandra Regina. **Expansão do Ensino Superior no Governo Lula da Silva: ProUni, REUNI e interiorização das IFES.** VI Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”. Eixo temático: Ensino Superior no Brasil. Sergipe. 2012. Disponível em: http://educonse.com.br/2012/eixo_13/PDF/11.pdf Acesso em 16/07/2018
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso.** São Paulo. Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni P. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia.** Campinas, SP, Pontes, 2012. 239p.
- PAIS, José Machado. **A Construção Sociológica da Juventude – alguns contributos.** Revista Análise Social, artigo. Portugal, 1990.
- PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa: Abordagem teórico-prática/Elisabete Matallo Marchesini de Pádua.** 10. ed. Campinas: Papyrus, 2004.
- RAITZ, T. R. & PETERS, L. C. F. (2008). **Novos desafios dos jovens na atualidade: trabalho, educação e família.** *Psicologia e Sociedade*, 20 (3), 408-416.

REDIN, Ezequiel. **Políticas educacionais e juventude rural no ensino superior**. Revista Educar em Revista, n.63. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. janeiro/março. 2017

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSSI, Adriana May; BERTONCELLO, Andressa. **“Minhas perspectivas... O que eu quero... É permanecer no campo e a minha família também quer isso”**: refletindo sobre as subjetividades de jovens envolvidos em **movimentos sociais do campo**. UNOCHAPECO, 2007. 54 p.

RUDZKI, Romuald Edward John. **The strategic management of internationalization: towards a model of theory and practice**. 1998. 331 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia na Faculdade de Educação, University Of Newcastle upon Tyne, Reino Unido, 1998

SAMPAIO, Helena. **Evolução do ensino superior brasileiro, 1990-2014**. Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

SANTANA, E. C. **Juventude, Tecnologias da Comunicação e Desenvolvimento Local**: Análise da recepção da proposta do Grupo de Informática, Comunicação e Ação Local por jovens do meio rural. Recife, 2013. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local). Departamento de Educação, Universidade Federal Rural de Pernambuco. < Disponível em < <http://www.tede.ufrpe.br/> > Acesso em 20/10/2016

SANTOS, Fernando Seabra, ALMEIDA FILHO, Neomar de. **A quarta missão da universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento**. 1ª ed. Brasília. Editora UnB. 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza.; RODRÍGUEZ-GARAVITO, César. A. **Introduction: expanding the economic canon and searching for alternatives to neoliberal globalization**. In: SANTOS, B. de S. (Org.). *Another production is possible*. Beyond the capitalist canon. London: Verso, 2006.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SELLTIZ, Claire et ai. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1967.

SHIROMA, Eneida Oto; CAMPOS, Roselane Fátima; GARCIA, Rosalba Maria Cardoso. **Decifrar textos para compreender a política: subsídios teórico-metodológicos para análise de documentos**. Revista Perspectiva. v. 23, n. 2 (2005). Universidade Federal de Santa Catarina. 2005. Disponível em < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9769/8999> > . Acesso em 19 de novembro de 2017.

SILVA, Cícero Natanael de Oliveira. **Jovens rurais e urbanos: vivências e percepções sobre a Universidade**. 65ª reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Científica, Recife 2013.

SILVA, Josilene Henriques da. **O desenvolvimento local e as novas ruralidades analisados a partir do turismo em unidades de conservação: a experiência da Associação dos guias de turismo do catimbau, Buíque – Pernambuco.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (POSMEX). UFRPE. Recife, 2013. 124f

SOUZA, Jaqueline de, KANTORSKI, Luciene Prado e LUIS, Margarita Antonia Villar. **ANÁLISE DOCUMENTAL E OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NA PESQUISA EM SAÚDE MENTAL.** Revista Baiana de Enfermagem, Salvador, v. 25, n. 2, p. 221-228, maio/ago. 2011.

SOUZA, Celina. **Políticas Públicas: uma revisão da literatura.** Psicologias. Porto Alegre. V.16. p.20-45. Julho/dezembro. 2006. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/> Acesso em 19/08/2017

_____. **“Estado do campo” da pesquisa em políticas públicas no Brasil.** Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol 18, n51. Fevereiro/2003 São Paulo.

SPOSITO, Marília Pontes, CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventude e políticas públicas no Brasil.** Revista Brasileira de Educação. São Paulo. junho 2003.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil.** 2ª Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional – MEC. 1976.

UAST 10 ANOS. Produção Coordenadoria de Comunicação Social da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Direção Fernando Azevedo. DVD (50 min). Recife, 2016.

UNESCO. **Conferência Mundial sobre Educação Superior.** Nova Iorque, 1990.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA AMAZÔNIA. Assessoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (ARII). **Portal institucional.** Disponível em <http://arii.ufam.edu.br> Acesso em 08/02/2018

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. **Portal institucional.** Disponível em < www.ufrpe.br >. Acesso em 24 de outubro de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. **Relatório de Gestão – 2014,** Recife, 2016.

VIZER, Eduardo. **Movimentos sociais: novas tecnologias para novas militâncias.** In: FERREIRA, Jairo; VIZER, Eduardo. Mídia e movimentos sociais: linguagens e coletivo em ação. São Paulo: Paulus, 2007. p. 23 –52.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro.** In : CARNEIRO, Maria José & CASTRO, Elisa Guaraná de (orgs.). Juventude rural em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes Rurais: Mapa dos estudos recentes.** Ministério do Desenvolvimento Agrário. Brasília, 2005. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/iicabrazil/juventudes-rurais- mapa-de- estudos-recentes> ; Acesso em 18 de agosto de 2017

ZAGO, Nadir. **Migração rural-urbana, juventude e ensino superior**. Revista Brasileira de Educação. V.21, n.64. janeiro-março 2016. Chapecó. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v21n64/1413-2478-rbedu-21-64-0061.pdf>
Acesso em 22/02/2018

ZIKMUND, W. G. **Business research methods**. 5.ed. Fort Worth, TX: Dryden, 2000. Apud OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração Catalão: UFG, 2011.

APÊNDICE A- Artigo

INTRODUCAO

O Brasil é um País de gargalos. Seja na logística do transporte de cargas, onde há uma excessiva concentração em caminhões, que utilizam estradas antigas e nem sempre adequadas, seja no empreendedorismo, que é sufocado por uma teia de tributos e burocracias, quase sempre há um funil que impede o pleno funcionamento das engrenagens.

Na educação superior não é diferente e se o gargalo do vestibular foi substituído por um acesso mais amplo com o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), aliado a políticas como a de cotas e o Sistema de Seleção Unificada (Sisu), ainda existem muitas limitações, pois, de acordo com o Censo da Educação Superior (MEC, 2016) menos 15% da população brasileira está matriculada em um curso de graduação em nível superior.

Quando se trata de acesso da juventude do meio rural ao ensino superior gratuito, o gargalo é ainda maior. Até o Programa de Expansão Universitária, em 2003, a maior parte das universidades brasileiras estava concentrada nas áreas urbanas de alta densidade, primordialmente nas capitais, o que não apenas dificultava, mas em muito limitava que jovens do campo pudessem cursar uma universidade.

Em Pernambuco, por exemplo, a primeira universidade criada pelas expansões foi a Unidade Acadêmica de Garanhuns, em 2005. A instituição tem uma comunidade universitária de cerca de 3000 pessoas das diversas cidades da região, como Jupi, Águas Belas e São Bento do Una.

Ainda que a plenitude do acesso ainda não seja a regra, nos últimos 20 anos houve não apenas um aumento significativo de matrículas no ensino superior em graduação, que saltaram dos 3 milhões em 2003 para mais de 8 milhões em 2016. Além disso, outras políticas foram ampliadas nas universidades como as de internacionalização.

Ainda que este tema esteja relacionado com a globalização, faz-se necessário alertar para o destaque que faz Altbach (2004) sobre a diferença dos conceitos de ambos os temas. Este último trata de questões econômicas e acadêmicas, já a internacionalização seria "conjunto de políticas e práticas desenvolvidas pelos sistemas acadêmicos, pelas instituições e pelos indivíduos

para fazer frente ao ambiente acadêmico global." (Luce, Fagundes, Maciel, 2016)

No Brasil, o processo de internacionalização da educação está muito ligado às políticas de Estado e de governo, principalmente no que tange o financiamento e a regulação do tema. Assim o foi, na década de 70, quando um grande número de professores foi se qualificar, principalmente, nos Estados Unidos, para trazer às universidades brasileiras um melhor nível de ensino, tendo em vista a necessidade de qualificação pelo avanço tecnológico e pelas políticas de desenvolvimento promovidas pelo governo militar.

Nesta década, o governo da Presidente Dilma Rousseff, em vistas a promover "a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional" criou o Programa Ciências sem Fronteiras, uma política pública que levaria estudantes de graduação e pós-graduação para uma ter, ao menos, experiência internacional durante o seu curso.

A Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), pro meio de sua Assessoria de Cooperação Internacional (ACI), possibilitou a ida de 426 estudantes de graduação ao exterior entre 2011 e 2015, período que durou o Programa, antes de sua extinção. Este trabalho busca analisar a forma que esta experiência no CSF influenciou na graduação de dois estudantes, de origem rural, da UFRPE.

METODOLOGIA

Para este trabalho, optou-se pela pesquisa de caráter qualitativo, com utilização da análise de discurso como instrumento de pesquisa. Primeiro, foi feita uma entrevista semi-estruturada com os dois estudantes para compreender como a experiência em uma universidade no exterior influenciou na sua formação.

A entrevista foi importante para poder obter um discurso livre sobre a experiência destes discentes no Programa Ciências Sem Fronteiras, para poder ser relatado pontos positivos, negativos e como isso influenciou na sua graduação. Manzini (1991) trabalha com a ideia de que a entrevista semi-estruturada é focada em um assunto sobre o qual se monta um roteiro de

perguntas principais, que podem ser complementadas por outras questões que possam surgir.

Este é um instrumento que fornece certa liberdade ao pesquisador, ainda que ele precise se ater a um roteiro pré-definido, pois este serve como um guia e não se trata de um caminho fechado. O roteiro serve para orientar o pesquisador e evitar que ele saia dos objetivos da sua pesquisa, mas questões complementares, assim como observações do pesquisador quanto às reações do entrevistado podem fazer surgir novos questionamentos.

A Análise de discurso é um instrumento necessário para compreender a mensagem destes jovens relacionando com o meio com o qual eles estão inseridos, no caso, o campo, conforme trata Orlandi (2009, p.15):

Pelo discurso, lugar de produção de sentidos e de processo de identificação dos sujeitos, podemos melhor compreender o lugar de interpretação na relação do homem com a sua realidade. Por este tipo de estudo se pode conceber melhor aquilo que faz o homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se.

O uso da análise de discurso, neste trabalho, se deu pelo fato deste elemento poder auxiliar na melhor compreensão da experiência em fazer uma graduação sanduíche e traduzi-la de uma forma mais fiel.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Poderia se pensar que os jovens do meio rural estariam satisfeitos com o acesso ao ensino superior, algo ainda perto do surreal 20 anos atrás, mas eles querem mesmo é ganhar o mundo e ultrapassar divisas e fronteiras. Dentro do âmbito da UFRPE, o CSF foi o principal Programa de mobilidade acadêmica na última década. Sozinho, é responsável por quase 30% de todos os estudantes enviados ao exterior pela Instituição, para mais de 20 países.

O primeiro ponto a chamar a atenção, e que corrobora com a importância de políticas inclusivas, é que os dois jovens são os primeiros das suas famílias a ingressar em um curso superior. O ineditismo não para neste aspecto, tendo em vista o fato de ambos, também, serem os primeiros do núcleo familiar a irem ao exterior.

Apesar de viver em um sítio, em um distrito próximo à Serra Talhada, a educação sempre foi algo importante para a jovem Amelie Poulan (nome fictício): "a educação sempre foi algo importante em casa. Ainda que todos ajudassem no sítio, meus pais sempre prezaram pela ida à escola". Abramovay (1998) trás que a educação é um dos aspectos que fazem o jovem permanecer ou não no campo.

Serra Talhada foi contemplada com uma Unidade Acadêmica (UAST) e esta foi a razão para que a estudante pudesse dar continuidade aos estudos. "Se não existisse a Universidade Pública aqui na região, não seria possível para mim cursar uma universidade. Se eu desejasse mudar de vida, teria que trabalhar em uma farmácia ou no comércio, como a maioria das pessoas jovens daqui."

O discurso da jovem reforça a importância da UAST e que como mudou a realidade da região. "Se antes quem queria estudar precisava ir a Recife ou outro grande centro, hoje isso mudou, pois as pessoas vêm para nossa região seja para trabalhar ou fazer o seu curso universitário". Isto dialoga com as observações de Maria José Carneiro (2005), pois a educação, segundo ela, é algo de muito valor tanto para aqueles procuram um emprego mais qualificado, quanto aqueles que querem fugir das atividades agrícolas.

O jovem Rocky Balboa (nome fictício) parte de uma realidade diferente. A família veio morar no Recife em busca de melhores empregos, o que terminou por facilitar o seu acesso à universidade; ele se tornou aluno da UFRPE no *campus* de Dois Irmãos. No caso dele, a distância não se tornou um problema pela facilidade de transporte: "como eu moro em um bairro próximo, não tenho problemas em chegar à universidade. Tem dias que chego pela manhã e só saio à noite."

Ainda que exista a vontade de sair para maior qualificação, seja em pós-graduação ou especializações técnicas voltadas ao trabalho prático, o anseio de Amelie é em estudar aquilo que existe no seu entorno. "quero focar meus estudos no bioma sertanejo. Penso em buscar conhecimento e, quem sabe, soluções para alguns de nossos problemas. Já na graduação, consigo ajudar meus pais com o que aprendo no meu curso de agronomia."

Se Balboa saiu do campo, pode-se dizer que o campo não saiu dele, pois estuda agronomia na UFRPE. "Sempre me interessei pelo campo e por tudo que

o rodeia. Estudar agronomia foi algo quase natural, ainda que meus pais desejassem que eu tentasse algo como direito ou medicina, por acreditarem que seria melhor para o meu futuro."

No que diz respeito à experiência internacional, Amelie relata que foi muito rica em relação à construção do conhecimento. "A estrutura da Universidade nos Estados Unidos é diferente. Morava no *campus* e tinha uma biblioteca aberta 24 horas, isso sem falar nos equipamentos de ponta que tinham nos laboratórios." A facilidade de acesso aos meios e instrumentos necessários para uma boa graduação é muito importante e Castro (2005) verificou que uma das principais barreiras ao acesso à escola é a distância da casa para a unidade de ensino.

Ao colocar o estudante inserido 24 horas por dia no ambiente universitário permite que o mesmo possa passar mais tempo dentro de um centro de ensino, pesquisa e inovação constante. Esta é uma diferença considerada pela estudante. "Preciso percorrer uma distância diária de 50 km desde que saio de casa, até a hora de voltar."

O ponto chave da experiência na terra do Tio Sam foi a possibilidade de criar uma rotina de estudos e práticas, que não são possíveis na UFRPE e ainda que haja um esforço da Instituição brasileira, a qualidade da estrutura para o ensino ainda é distante. Dourado, Oliveira e Santos (2007) afirmam que aspectos extra e intra escolares estão diretamente ligados à qualidade da educação e possibilitar uma infra-estrutura adequada, aliada a técnicas de ensino inclusivas podem facilitar o processo de aprendizagem.

A experiência de Balboa se deu na Europa, mais precisamente em Paris, na **Universidade de Agronomia**. Ele destacou que o grande diferencial dos estudos no velho continente foi o enfoque mais prático das disciplinas que cursou, o que incluiu estudos e oficinas sobre agricultura familiar, que tem como modelo o Brasil. "Não esperava estudar sobre isso na França, sobretudo tendo meu país como exemplo, o que me abriu os olhos, pois foi um enfoque muito diferente."

Todavia, nem tudo foram flores. As grades curriculares não foram 100% absorvidas na volta à UFRPE, pelo fato de não estarem disponíveis naquelas elencadas pelo Ministério da Educação. Ainda assim, os estudantes não demonstram um completo descontentamento com o fato, conforme trata Amelie Poulan: "É uma pena pagar uma disciplina e não poder aproveitar o crédito

quando voltamos, mas, valeu e fica como uma disciplina eletiva e como conhecimento adquirido."

Inclusive estes estudos o fizeram querer trabalhar com o tema quando concluir a graduação. A multidisciplinaridade favorecida pela experiência internacional pode ter modificado o destino profissional dele, mostrando a importância de o graduando ter o máximo de experiências possíveis.

Mas nem só de estudos vivem os graduandos. Balboa destaca que a congregação com estudantes de outras culturas favoreceu a experiência ser enriquecida. "Montamos um grupo de estrangeiros, que facilitou nossa adaptação e pudemos ter uma experiência cultural."

Ambos destacam a importância que a experiência teve durante a graduação. "Muitas vezes entramos em uma universidade pensando em nos formar para trabalhar, mas a possibilidade de estudar no exterior me abriu os olhos para questões que eu não prestava atenção ainda", afirma Balboa. Amelie destaca a importância da experiência na sua graduação: "muitos estudantes tem medo de ir para uma experiência dessas com medo de atrasar o curso, mas para mim, foi um grande acréscimo na minha formação. Eu, desde a ida sempre digo: se tiver oportunidade, vá."

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebe-se, pelo discurso dos dois estudantes, que a experiência oportunizada pelo Ciências sem Fronteiras é muito positiva, ainda que alguns fatores negativos sejam levantados. Percebe-se o entusiasmo de ambos com a oportunidade em estudar no exterior, mas que o sentimento vai além dos estudos, pois tanto a experiência social quanto cultural teve um grande valor.

A análise e discussão do material obtido acerca da experiência dos graduandos no Programa Ciências Sem Fronteiras permite concluir que se tratou de uma política pública em educação enriquecedora e agregou conhecimentos, experiência de vida e inserção cultural. A experiência proporciona uma reconstrução pessoal, ante a sua agregação cultural, pessoal, do senso de identidade e do ponto de vista sociocultural.

A experiência de mobilidade requer adaptação, o que envolve lidar com a ausência, saudade, ansiedade, questões linguísticas, culturais e acadêmicas. A universidade e os centros de intercâmbio entram como agentes mediadores e de apoio para que a experiência seja bem-sucedida. Este apoio permite aos estudantes focar com mais precisão nas questões acadêmicas, que são as primordiais para o Programa.

A experiência intercultural foi relatada como engrandecedora e possibilitou novas experiências, além de facilitar a adaptação. Os meios e instrumentos adequados mostraram-se como um elo de estímulo para os discentes para que se interessassem mais pelos estudos no exterior.

Espera-se que os resultados obtidos desta pesquisa possam contribuir para as questões ligadas à mobilidade acadêmica e às políticas públicas em educação e evidenciem que investimentos neste campo podem trazer grandes benefícios aos estudantes universitários brasileiros e possam ampliar a participação das universidades brasileiras no processo de globalização da educação.

REFERENCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. et al. **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: Unesco, 1998.

ALTBACH, PHILIP G. **Globalisation and the University: Myths and Realities in an Unequal World**. Tertiary Education and Management. Volume 10, *issue 1*, p 3-25. Holanda, 2004;

BRASIL. **CIÊNCIAS SEM FRONTEIRAS**. Ministério da Educação Portal Institucional. Brasília, 2010. Disponível em <
<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/objetivos> > Acesso em 12/10/2016.

CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni Branco (Orgs). **Retratos da juventude brasileira**. [s.l.]: 1ª ed., 2005, p. 243-261.

CASTRO, Elisa Guaraná de, et al. **Perfis dos jovens participantes de eventos dos movimentos sociais rurais: construções de um ator político**. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, Recife - Pernambuco, 2007.

DOURADO, L.F.; OLIVEIRA, J.F.; SANTOS, C.A. A qualidade da educação: conceitos e definições. *Série Documental: Textos para Discussão*, Brasília, DF, v. 24, n. 22, p. 5-34, 2007.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. **Censo da Educação Superior 2016**. Brasília, 2017. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2016/apresentacao_censo_educacao_superior.pdf Acesso em 15/02/2018.

LUCE, Maria Beatriz, FAGUNDES, Caterine Vila, MEDIEL, Olga Gonzales. **Internacionalização da educação superior: a dimensão intercultural e o suporte institucional na avaliação da mobilidade acadêmica**. Revista Avaliação, Campinas. vol. 21, n.2. Sorocaba, julho de 2016.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**. São Paulo. Pontes, 1999.

APÊNDICE B - Identificação dos sujeitos pesquisados e roteiro de entrevista com os discentes oriundos do meio rural que participaram do CSF

Identificação do discente entrevistado:

Nome completo _____

Curso _____ Sexo _____

Idade (em 2017) _____ Estado Civil _____

Unidade UFRPE: () Sede () UAG () UAST

Local onde reside: _____

Endereço inicial: _____

N.º de pessoas da família: _____

Tempo de permanência no exterior _____

País _____

Período em que participou do Programa Ciências sem Fronteira:

1- História de vida:

A – Primeira pessoa da família a cursar uma universidade?

B – Primeira pessoa da família a ir ao exterior?

C- Outras histórias

1 – Porque participar do Programa Ciências Sem Fronteiras?

2 – Já tinha saído do Brasil antes do Programa?

3 – Comente sobre a experiência no Programa CsF.

4 – Descreva os principais pontos positivos da sua experiência no intercâmbio.

5 – Descreva os pontos negativos

6 – Relacione as principais diferenças que você observou entre o curso de graduação no Brasil e o curso de graduação no exterior.

7 – Como a experiência influenciou no restante de sua graduação? Qual a influência

desta experiência na sua formação acadêmica?

8 – Repetiria a experiência de mobilidade? Porque?

9 – Fale sobre como é sair do meio rural e ir estudar fora do Brasil.

10 – Qual a importância de Programas de mobilidade como o CsF?

11 – Durante a mobilidade, os estudos eram mais técnicos ou acadêmicos?

12- Comente a opinião da sua família sobre a sua experiência no Programa CsF.

13- Quais os resultados da sua experiência no exterior para você e para o local onde

você reside. Descreva.

14- Comente sobre alguma experiência que você trouxe do intercâmbio para a localidade onde você reside.

ANEXO 1- Termo de Consentimento Livre Esclarecido



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO
LOCAL - POSMEX**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Cumprimento Sr./Sr.ª ao tempo em que solicito a sua participação na pesquisa intitulada **DO CAMPO PARA O MUNDO: AS APRENDIZAGENS DOS JOVENS DE ÁREAS RURAIS DE PERNAMBUCO A PARTIR DO PROGRAMA CIÊNCIAS SEM FRONTEIRAS**, integrante do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local - POSMEX, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. A referida pesquisa tem como objetivo principal, **analisar as aprendizagens que os estudantes de graduação da UFRPE, de contextos rurais, construirão ao participarem do Programa Ciências Sem Fronteiras, no período de 2011 a 2015** e será realizada por **José Henrique Cavalcanti Mota Filho**, estudante do referido Programa.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de **ENTREVISTA**, com utilização de recurso de **GRAVADOR DE VOZ**, a ser transcrita na íntegra quando da análise dos dados coletados. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, contudo, será mantido o anonimato dos respondentes e das organizações participantes da pesquisa. Dessa forma, a participação na pesquisa não incide em riscos de qualquer espécie para os respondentes. A sua aceitação na participação dessa pesquisa contribuirá para o/a mestrando/a escrever sobre o tema da pesquisa, a partir da produção do conhecimento científico.

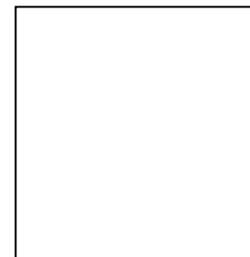
Consentimento pós-informação

Eu, _____, estou ciente das condições da pesquisa _____ da qual livremente participei, sabendo ainda que não serei remunerado/a por minhas contribuições e que posso afastar-me quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via para cada um/a.

Recife, PE, _____ de _____ de 2018.

Assinatura do/a participante

Assinatura do/a pesquisador/a



Impressão do dedo polegar
caso o/a participante não saiba
assinar.